

cadernos da
FEI

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

Nº 19 – Janeiro/2017





CADERNOS DA FEI – EDIÇÃO Nº 19 - JANEIRO/2017

Publicação da Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros, mantenedora do Centro Universitário FEI e dos institutos a ele associados: IPEI e IECAT.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo S. Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux, S.J.

Editado no Centro Universitário FEI, Instituição filiada à



Associação Brasileira das Universidades Comunitárias

EXPEDIENTE

Revisão

Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Arte final e diagramação

Setor de Comunicação e Marketing da FEI
Silvana V. Mendes Arruda

Fotos

Arquivo FEI, Leonardo Britos e
Istockphoto

Endereço para correspondência

Setor de Comunicação e Marketing
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901
Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: redacao@fei.edu.br

www.fei.edu.br



■ 75 anos apoiando a formação de profissionais e pesquisadores

Pe. Theodoro P.S. Peters, S.J.

13

Índice

■ Rumo a uma Igreja da Misericórdia

Pe. Carlos A. Contieri, S.J.

30



65

MENSAGENS DO PRESIDENTE

Ciranda da inovação	07
Construindo cidadania responsável.....	10
75 anos apoiando a formação de profissionais	13

VOZ DO BISPO

A força maior.....	15
--------------------	----

PALAVRAS DO REITOR

A concepção do projeto de inovação FEI.....	20
---	----

COMPANHIA DE JESUS

Novo Superior Geral da Companhia de Jesus	28
---	----

IGREJA

Rumo a uma Igreja da Misericórdia.....	30
A misericórdia palpável de Deus	40
É atual crer em Deus?.....	46

ESTUDOS E PESQUISAS

Dez destaques ambientais no Brasil	54
Sobre o desenvolvimento humano no viver acadêmico ..	60

VIDA ACADÊMICA

Congresso de Inovação 2016 - Megatendências 2050	65
3º Concurso Literário	78

NA LUZ DA ETERNIDADE

Prof. Rubener da Silva Freitas	85
Prof. Fernando Aurélio Flandoli	86
Romildo Savassa.....	87



Capela Santo Inácio de Loyola
Centro Universitário FI, campus São Bernardo do Campo

Apresentando...

O ritmo cada vez mais acelerado do mundo da tecnologia e produção motiva a que as instituições universitárias tenham os olhos voltados para o futuro num constante processo de inovação em todos os campos do saber e pesquisa.

Exerce uma atração sedutora capaz de polarizar a atenção para determinados enfoques do campo da ciência e do mercado desconsiderando outros não menos importantes relacionados com a cultura e o humanismo.

Com a edição anual do “Cadernos” a FEI traz temas e atividades que, durante o ano, contribuíram para que a desejada inovação acadêmica estivesse articulada com igual aprofundamento dos valores cristãos que norteiam a instituição.

As mensagens da Presidência, as diretrizes da Reitoria sinalizam o contexto do que se passa na vida universitária em consequência da fase que o mundo atravessa com uma das mais complexas da história com reflexos nas relações internacionais, as tensões políticas, os problemas dos refugiados, as epidemias, a sustentabilidade do planeta.

O Brasil, apesar da crise, tem um potencial privilegiado sobre o qual a responsabilidade de oferecer uma contribuição significativa a partir da missão da Universidade.

O Papa Francisco torna-se a referência mundial daquele que tem uma palavra de esperança. Ele transpõe as fronteiras da Igreja e vai ao encontro de todas as civilizações e culturas com dois temas fundamentais para que a paz não seja uma utopia.

Em seus documentos “Misericordiae vultus” e “Amoris Laetitia” traz o perdão para a humanização da justiça e recupera para a família as dimensões divinas do amor humano.

Será que a sociedade é capaz de perceber o alcance dessas considerações quando o homem moderno está se descartando do seu relacionamento com Deus?

É uma questão que obriga o educador a repensar sua forma de trabalhar no desempenho de sua missão e a instituição a oferecer meios para que o jovem seja motivado a não se tornar no futuro um profissional robotizado pela técnica, insensível ao que se passa ao seu lado.

É a contribuição que a FEI oferece na edição deste ano de seu “Cadernos.”

Pe. Paulo D’Elboux, S.J.

Assistente Religioso do Centro Universitário FEI



CIRANDA DA INOVAÇÃO

Pronunciamento de abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão do 1º semestre de 2016. São Bernardo do Campo, 1 de fevereiro de 2016.

O tema proposto para a nossa revisitação nestes dias, “Inovação e Sustentabilidade”, pode nos ajudar redirecionando o exercício estratégico para concretizar a nossa missão universitária através das atividades de pesquisa, ensino e extensão, formando a juventude plenamente apta para aprofundar-se no conhecimento, verbalizando-o e descobrindo maneiras práticas de torná-lo concretizável como serviço a toda a sociedade.

Desejamos que os jovens que nos procuram participem de todas as oportunidades que a FEI lhes oferece para cultivarem seus talentos, crescerem plenamente “em idade, sabedoria e graça

diante de Deus e diante da humanidade” (Lc 2,52), desenvolvendo todo o seu potencial. O foco de quem busca formar-se conosco é tornar-se um excelente profissional que se distingue pelo conhecimento e pela humanidade ao tratar eticamente as pessoas e toda a criação animada e inanimada. A grande marca que a FEI deseja oferecer é a do profissional inovador desde o início de sua graduação. A meta é que cada estudante delineie seu projeto de vida, de estudos, de busca do conhecimento e da especialização. Seria ótimo

“A grande marca que a FEI deseja oferecer é a do profissional inovador desde o início de sua graduação. A meta é que cada estudante delineie seu projeto de vida, de estudos, de busca do conhecimento e da especialização.”



Pe. Theodoro Paulo S. Peters, S.J.

Presidente da FEI





acompanhar o estudante formulando seu plano, entendendo o sentido e a razão de tantas disciplinas teóricas, nas quais, sem motivação, arrisca-se a ficar marcando passo, atrasando seu avanço e obrigando-se a reestudar em períodos ulteriores as matérias pelas quais passou batido, porque não percebeu a sua razão articuladora como parte do currículo.

Há muitos departamentos, muitas disciplinas, muitos equipamentos, muitos laboratórios que aparentemente permanecem fechados aos estudantes calouros. A ironia faz troça. Um estudante chamado a apresentar os laboratórios a secundaristas afirmou ser a primeira vez que entrava em um laboratório da FEI. Para muitos, os laboratórios podem parecer inacessíveis, quando me parece indispensável que a prática ajude a perceber a força da enunciação de uma teoria, tanto de Física, Química, Matemática (e vocês podem acrescentar todos os nomes de suas especialidades), como metodologia e ferramenta pedagógica e didática.

Queremos atrair talentos, queremos que nossa maior veiculação seja feita pela autorrealização de todos os nossos estudantes, através de uma agenda de inovação em cada curso e/ou disciplina. Como desejamos que a nossa passagem pela formação do discente seja lembrada, comentada, enaltecida? Qual o nosso legado na docência, orientação, pesquisa, experiência? O que desejamos espelhar? Assinamos o presente, hipotecamos o futuro. Seria tão difícil se as matérias “duras” fossem desenvolvidas em ambiente de laboratórios em que os estudantes se tornassem protagonistas da própria formação e conhecimento? Ficamos todos muito orgulhosos das equipes competitivas, desenvolvendo seus projetos, participando de eventos estaduais, nacionais e internacionais de renome. Desejamos que toda a FEI se torne “discentemente” protagonista, propiciando o clima de inovação em todos os cursos, disciplinas, atividades? Ainda dá para trabalhar Engenharia só com os quadros fixos? O mesmo se diga da Administração e da

Informática ou de tantas modalidades possíveis para a formação intelectual e profissional.

Como me alegro com a iniciativa da publicação da revista Domínio FEI, que oferece a amostra da nossa capacidade instalada e instaladora de processos e de sua indução. Tantos temas atuais, tantos projetos gestados, tantos profissionais atuando nacional e internacionalmente. Sonhar é possível na revisitação do tema que faz parte do currículo de formação discente, docente, funcional.

Revisitamos também a sustentabilidade do currículo do futuro. Assumir iniciativas novas não dispensa a continuidade do necessário que vem sendo feito e que continuará sendo feito. Como tornar sustentável o modelo desejado? Oxalá que todos os profissionais, formando-se conosco, tivessem a oportunidade de participarem ativamente no desenvolvimento do seu próprio projeto de vida, projeto capaz de sustentar-se por tornar-se maleável, adaptável em situações diversificadas. Bem estruturado, mas

sem a rigidez esterilizante, paralisadora. Em tempos passados, lia-se que um engenheiro virou suco; ultimamente, lemos que um engenheiro assumiu ser taxista...

Santo Inácio de Loyola foi descobrindo suas qualidades e formatando o seu projeto de vida. Vida capaz de contentar, alegrar ao próprio Deus. Sua vida mística aceitava receber de Deus seus dons e graças e, através do relacionamento profundo e íntimo com Deus, buscava encontrar os meios para a realização de sua santa vontade. Sua experiência espiritual o induzia a oferecer suas qualidades e virtudes a serviço da humanidade. Conseguiu concretizar a intimidade com Deus e a atividade de liderança apostólica. Seu agir envolvia todas as suas capacidades humanas, a ponto de constatar que sua atividade era prejudicada pela carência de formação institucional, o que o levou às universidades de Alcalá, Salamanca e Sorbonne, para que pudesse ter reconhecimento de seu saber, para exercer com autonomia o serviço que descobriu ser a sua realização de vida.



S. Inácio de Loyola, Peter Paul Rubens, 1620-22

“Santo Inácio de Loyola foi descobrindo suas qualidades e formatando o seu projeto de vida. Vida capaz de contentar, alegrar ao próprio Deus. Sua vida mística aceitava receber de Deus seus dons e graças e, através do relacionamento profundo e íntimo com Deus, buscava encontrar os meios para a realização de sua santa vontade.”

Nas universidades, seleciona companheiros com os quais funda a Companhia de Jesus, ordem aprovada pela Igreja hierárquica, com a missão de promover a glória de Deus e o serviço a toda a humanidade. Descobre a diferença entre as pessoas, qualidades, limites, aptidões para o estudo, para a oração. Percebe que é necessário certo grau de cultura instruída para irradiar o bem universalmente. Chega mesmo a fazer uma anotação nos Exercícios Espirituais (18ª), referindo-se a pessoas rudes, incapazes pelos limites de darem maiores passos: sugere ter em vista “conforme a sua idade, instrução ou talento. Não se deem a quem é rude ou de pouca resistência coisas que não possa levar sem fadigas e delas tirar proveito... se perceber que é de pouca disposição ou capacidade natural, dele se esperando pouco proveito, mais conveniente é dar-lhe alguns exercícios leves... pois não há tempo para tudo”¹.

¹ LOYOLA, S. Inácio de. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Loyola, 2000.



A Companhia de Jesus deseja oferecer o maior serviço a Deus e à humanidade. Consequentemente, deve selecionar e formar bem os seus membros. O mesmo acontece com os estudantes que nos procuram. Foram selecionados, desejam formar-se bem. Compete à nossa comunidade universitária oferecer os convites, passos, sugestões, induções, motivações, para que se sintam à vontade conosco para desenvolver eficientemente seu projeto de proporcionar à sociedade o melhor serviço, à altura da formação que construíram com nosso apoio e presença. Como se pode perceber, desejamos qualidade sempre maior em nossas atitudes e iniciativas. Que como comunidade de ciência, de conhecimen-

to, pesquisa e serviço, possamos abrir caminhos novos para que todos os nossos estudantes façam parte da sociedade do conhecimento e da inovação de modo

“A FEI não é uma ilha splendidamente isolada, está plenamente imersa no Brasil e em suas crises, mas deseja que 2016 seja a oportunidade para se firmar como marca de inovação sustentável em todas as atividades de sua comunidade...”

sustentável. É com tal convicção que abro o nosso ano letivo.

Os noticiários internos e externos sobre o Brasil preocupam

bastante. A FEI não é uma ilha splendidamente isolada, está plenamente imersa no Brasil e em suas crises, mas deseja que 2016 seja a oportunidade para se firmar como marca de inovação sustentável em todas as atividades de sua comunidade, constituída de pesquisadores, docentes, discentes, funcionários, vizinhos, famílias. Ninguém está excluído da ciranda da inovação que deseja envolver a todos na música contagiante de que é preciso ser muito bom na sua profissão, para fazer o bem continuamente. Desejo excelente resposta de todos à proposta da FEI inovadora e sustentável, através dos seus formandos e formados, formadores e pesquisadores, funcionários e servidores, amigos e colaboradores. □



Abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão em fevereiro/2016, com a participação de professores e colaboradores do Centro Universitário FEI.



CONSTRUINDO CIDADANIA RESPONSÁVEL

Homilia proferida na Capela de Santo Inácio de Loyola, Centro Universitário FEI, por ocasião da celebração de São Luís de Gonzaga. São Bernardo do Campo, 21 de junho de 2016.

Celebramos um santo jovem da Companhia de Jesus, Luís de Gonzaga. Ele morreu durante a sua graduação em teologia. À época grassava uma febre infecciosa na cidade e arredores, e havia muita gente caída pelas ruas e hospitais. Tornou-se voluntário, atendendo as pessoas e carregando-as para os precários hospitais. Envolveu-se de tal maneira que contraiu a febre que o levou para a eternidade. Sua virtude e coragem generosa motivaram a Igreja a apresentá-lo como exemplo e modelo para a juventude.

Celebramos também a vida do Romildo, que durante 22 anos ofereceu o melhor de si

para tornar agradável e possível a vida de toda nossa comunidade universitária, acolhendonos com seu sorriso firme e sua saudação costumeira. Ele transmitia a certeza que todos eram bem-vindos, a todos desejava um dia feliz, uma oportunidade para realizar o bem ao próprio alcance. Ele fazia bem a todos que o encontravam nas entradas e saídas da FEI. Homem poderoso, tinha como âncora e referência a sua família. A notícia de sua partida publicada na Folha de São Paulo testemunha o carinho que o cercava por todos parentes e vizinhos, tão bem cultivado por ele, que fazia questão de buscar o frango de padaria para facilitar a tarefa da esposa no almoço dominical. Celebrar

sua vida partilhada é razão de esperança, gratidão, vontade de ser bom como ele era bom estando entre nós.

A Sagrada Escritura afirma que os justos partilharão a vida de Deus e “resplandecerão como as estrelas no céu para sempre” (Daniel 12,3). “Brilharão e correrão como centelhas na palha” (Sabedoria 3,7). Palavras que retratam nossos sentimentos ante Luís de Gonzaga e Romildo Savassa.

A liturgia da Palavra de Deus nos oferece para reflexão e meditação textos para nos ajudarem na fé, na esperança, na guarda dos valores plenamente humanos e cristãos. O Livro dos Reis nos apresenta a arrogância do rei da Assíria, Senaqueribe,



desafiando a fé no Deus Santo e Vivo e no seu Poder. O salmista enaltece o Senhor, recordando sua bondade fiel. O evangelista Mateus nos coloca diante de Jesus convidando-nos ao discernimento do melhor a ser feito em nossas oportunidades.

Senaqueribe envia mensageiros, portadores de uma carta impondo condições de rendição e vassalagem à cidade de Jerusalém. O rei Ezequias tomou a carta das mãos dos mensageiros e leu-a. Nela havia o desafio ao próprio Deus. O rei entrou no Templo e colocou a carta diante de Deus e fez uma oração comovente, pedindo socorro e proteção para o povo e para a Cidade de Jerusalém. Sua oração inflamada argumentava: os exércitos assírios venceram outros povos e destruíram seus templos e ídolos, porque não podiam contar com obras feitas pelas mãos humanas, inertes, sem vida, sem poder; mas agora, Senhor, mostra que és o Deus Único, o Deus Vivo, livrando-nos deste perigo e todas as nações da terra ficarão



sabendo que só Tu, Senhor, és Deus! O profeta Isaías, inspirado por Deus, responde à prece real. Deus, pelo profeta, afirma ter ouvido a prece dirigida com fé, que “Senaqueribe não entrará na cidade de Jerusalém e que retornará à Nínive pelo caminho por que veio, porque protegerei esta cidade e a salvarei em atenção às promessas feitas ao rei Davi”. Foi o que aconteceu, conforme o redator bíblico em sua teologia da esperança. No cenário do

mundo, um imperador mostrou a impotência dos ídolos em suas cidades; mas no cenário de Jerusalém, o Senhor mostrará a impotência desse imperador. Senaqueribe desta vez não ataca um povo entre tantos, mas se atreve sacrilégamente contra o Santo de Israel. Esta história nos mostra que Deus tem a decisão final nas querelas de nossas vidas. Ele se manifesta como é: vivo e santo, atraindo-nos a si com seus gestos, suas atenções, suas consolações.

O salmista confirma estes sentimentos como certezas enraizadas em seu íntimo. Deus para ele é grande e a cidade de Jerusalém foi escolhida para ter o seu templo como morada de Deus, como lugar de oração e de culto, como celebração da memória da Aliança e Eleição do povo de Israel. Para ele, a cidade é a alegria do universo. O próprio Deus a defende e torna-se o refúgio poderoso. Por tudo isso ele recorda a bondade de Deus, para que todos os confins da terra conheçam e creiam através das ações em favor do seu povo. O povo de Israel reconhece ser mediador de Deus para toda a humanidade. Através de seu testemunho, quer fazer resplandecer a glória de Deus.

Jesus, no Evangelho de Mateus, nos previne e oferece os critérios para distinguir e guiar nossas ações. Animais não podem distinguir o valor das coisas, são imagens usadas por Jesus para nos ajudarem em nossas boas intenções. As coisas de Deus, merecedoras de todo respeito,

precisam ser oferecidas a quem as pode receber, tirando proveito da intenção do próprio Deus ao concedê-las. São graças preciosas como pérolas de valor a serem guardadas para serem mostradas ou usadas no momento oportuno de cada interlocutor. É necessário um cuidado pastoral

“O povo de Israel reconhece ser mediador de Deus para toda a humanidade. Através de seu testemunho, quer fazer resplandecer a glória de Deus.”

para que todos possam ser beneficiários dos dons e graças comunicadas. Jesus orienta a percepção de que se deve oferecer aos outros o que se deseja que nos ofereçam. Olhar o bem do próximo é a mensagem da lei divina e de seus profetas. Jesus nos diz que fazer a vontade de Deus exige esforços. O caminho para

a vida é estreito, apertado, poucos o encontram. Consequente, necessitamos orar, pedir, buscar, bater à porta, tomar a iniciativa da bondade porque Deus sempre responde às nossas atitudes.

Irmãos e irmãs, Luís Gonzaga e Romildo nos congregam hoje para que, celebrando a memória feliz de suas vidas dedicadas, guardemos a segurança que a fé em Deus nos conforta como o rei Ezequias em sua prece, apresentando seu problema e de seu povo e recebendo a resposta esperada: como o salmista, que percebe a ação divina em sua vida e em sua cidade, e como o evangelista, que nos coloca diante de Jesus que nos chama a sermos melhores do que já somos. Concitando-nos dessa forma: “Tudo quanto quereis que os outros vos façam, fazei também a eles”. Atitude de adiantar-nos na construção da cidadania responsável, da amizade duradoura, da família sustentável. A fraternidade é a nossa missão porque é a nossa vocação cristã. Amém. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.



75 ANOS APOIANDO A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS E PESQUISADORES

Editorial para a Revista Domínio FEI (edição de janeiro a março de 2016).

A FEI sorri para a sociedade brasileira há setenta e cinco anos. Desde a sua fundação, desejou oferecer excelentes condições para a preparação de capital humano para o desenvolvimento de nosso País. A sua proposta de apoiar a formação de profissionais e pesquisadores de alta qualidade, para que a juventude que por ela passasse conseguisse realizar seus sonhos transformados em projetos de vida e de serviço, foi acolhida com júbilo e esperança.

Aos fundadores professores, profissionais técnicos, funcionários administrativos, estudantes, liderados pela paixão do jesuíta

Pe. Roberto Sabóia de Medeiros, pareceu claramente a necessidade da gestão e da tecnologia como ferramentas adequadas para a transformação da vida humana a nível pessoal, social comunitário, público. Com foco em gestão e em tecnologia, nasceram as primeiras faculdades de Administração e de Engenharia. Nelas ingressaram, estudaram, se destacaram milhares de pessoas que se distinguem nas mais variadas atividades e empreendimentos. Concretizam, com suas atuações inteligentes, oportunas, éticas, solidárias e cristãs, a qualidade da missão institucional, na visão dos fundadores expressa no adágio clássico: “o que falta me atormenta”. Esta inspiração

que marcava o agir do Pe. Sabóia permanece como marca da FEI e sua comunidade de estudantes, antigos alunos, professores, pesquisadores, técnicos, administrativos, funcionários e amigos.

Esta revista, em seus artigos e informações, vem retratando a sua realidade atual. Celebrar 75 anos é grande vitória e torna-se promessa, esperança de futuro. A FEI vai caminhar para o seu primeiro centenário visando tornar-se uma universidade inovadora. Em seus processos de ensino e através da configuração dos currículos, para que o estudante, desde a entrada em seu curso, possa gestar seu próprio projeto de realização profissional, proje-



to no qual deseja distinguir-se, desenvolver o melhor de si. Em suas redes e áreas de pesquisa, atraindo talentos, incubando empresas em seu parque tecnológico, dialogando com a sociedade na busca das melhores soluções. Na projeção social e extensão comunitária, articulando projetos e serviços desenvolvidos pela inserção de nossos estudantes na solução sustentável de problemas com que se defronta

a humanidade. Formar uma comunidade universitária inovadora referenciada pelos mais altos valores éticos para o desenvolvimento sustentável da sociedade. Conformer, pela excelência nas atitudes, nos serviços, na dedicação, no uso dos meios, o pleno envolvimento de nossos estudantes e pesquisadores, em seus projetos pessoais e profissionais, delineados desde o ingresso em nossos *campi* universitários.

Nossa vocação universitária exige grande integração entre a pesquisa acadêmica altamente qualificada e a sua função social a serviço da sociedade e dos mais fragilizados. A bússola para a FEI centenária: inovar com excelência no ensino, na pesquisa e na extensão social. E a FEI continua a sorrir e a infundir o sorriso do otimismo inovador. É convite! É promessa! Partilhe inovando! □

Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.



A FORÇA MAIOR

Homilia proferida na Capela Santo Inácio de Loyola por ocasião da abertura do ano letivo de 2016. São Bernardo do Campo, 1º de fevereiro de 2016.

Com grande expectativa iniciam-se hoje as atividades curriculares deste ano de 2016. Estamos aqui nesta capela, espaço sagrado, que faz parte do *campus* universitário. Ela está disponível a todos durante as fainas do dia a dia, indicando a presença do transcendente e o motivo de nossos trabalhos: a maior glória de Deus. Expectativa e disposição são os sentimentos presentes em todos vocês, certamente, neste ponto de partida deste novo período acadêmico, após as férias e o recesso. É sempre importante disciplinar e organizar nossa vida, para usufruirmos bem o tempo que a graça de Deus coloca à nossa disposição.

Certamente todos terão temas para conversa, colocando as novidades em dia ao reencontrar os conhecidos e colegas de trabalho comunitário, a serviço da formação dos que aqui estudam, valorizando o ensino e a pesquisa. Todos sabem da necessidade e empenho na geração de novos conhecimentos, na formação dos estudantes, a fim de que se apropriem do tempo universitário e sejam formados para a vida a serviço de uma sociedade eficiente, humana, cristã e geradora de oportunidades para todas as pessoas.

Dom Pedro Carlos Cipollini
Bispo da Diocese de Santo André/SP

“É sempre importante disciplinar e organizar nossa vida, para usufruirmos bem o tempo que a graça de Deus coloca à nossa disposição.”



Estamos em meio a uma crise em nosso país, em especial na economia, com inflação e desemprego em alta. O Brasil sofre com aquilo que a população aponta como primeira preocupação de todos: a corrupção. A falta de lideranças torna o cenário mais complicado. É preciso colocar o Estado a serviço da Nação. A sociedade precisa reagir positivamente à crise e nós o queremos fazer, a partir da fé que temos, esta fé que tem como ponto de partida a Palavra de Deus. Deixemos que ela exerça sobre nós a boa influência, necessária ao nosso discernimento e equilíbrio.

A Palavra divina é fonte de inspiração para a contemplação de nossa vida. É luz que ilumina nossos passos. Ela nos coloca na perspectiva de nossa fé e esperança. Em cada Eucaristia a Palavra de Deus é proclamada, a fim de gerar intimidade e interioridade, pois nela o próprio Deus se dá a conhecer, revelando-se de maneira original, como Pai de misericórdia e bondade

infinitas. Ele nos lega seu Espírito para que possamos conceber a vida e toda a realidade à luz de sua intenção criacional. O objetivo da Palavra de Deus é conduzir-nos à felicidade que aspiramos, seguindo o caminho indicado por ela. O caminho que a Palavra de Deus nos indica

“A Palavra divina é fonte de inspiração para a contemplação de nossa vida. É luz que ilumina nossos passos. Ela nos coloca na perspectiva de nossa fé e esperança.”

é o caminho de volta para casa: para Deus!

O Evangelho nos apresenta Jesus com seus discípulos que se encontram com um homem em estado deplorável. Vivia em lugares ermos, morava no cemitério, feria-se com pedras, tinha força invencível, não dormia, e gritava. Tentaram dominá-lo com

algemas e correntes, mas ele as rompia. Diante de Jesus este homem dominado por forças ocultas se prostrou, suplicando para não ser atormentado pela ação libertadora que ele sabia possuir Jesus. Era um endemoninhado. Este homem possuído pelo mal (não nos esqueçamos que o mal é um mistério que São Paulo chama de “mistério da iniquidade” — cf. 2 Ts 2,7) se prostra diante de Jesus, isto é, o adora, ao mesmo tempo pede que o deixe em paz. Jesus primeiro pergunta o nome e ele diz que são muitos a possuírem aquele homem: seu nome é Legião. Jesus ordena que saia daquele homem, Jesus é o mais forte. O demônio pede que seu julgamento seja adiado, que não o mande de volta ao inferno... Jesus autoriza que entre na vara de porcos (uns 2.000, segundo Marcos) e imediatamente os porcos se precipitaram no mar. O homem estava livre e em perfeito juízo.

O que pensar desta narrativa que nos choca? As interpretações racionalistas e simplistas

não servem, o psicologismo também não. O homem não é só razão e o Evangelho, não sendo livro científico, não fala somente ao cérebro, mas também ao ser humano como um todo. O Evangelho é um livro de Revelação de Deus e somente com os óculos da fé pode ser lido, pois foi escrito por pessoas que, tocadas pela fé, experimentaram o poder de Deus, que é maior que o poder do absurdo, do mal. Dizia um padre idoso: para quem tem fé não há necessidade de explicações, mas para quem não tem, elas não adiantam!

Mas enfim, o que diz a fé cristã sobre este texto? O que pode aproveitar para nós do século XXI? A razão e a fé são necessárias, pois se iluminam uma à outra: a fé sem razão fica louca e cai na ilusão; a razão sem fé fica cega e cai no absurdo. Na estratégica narrativa de Marcos, os exorcismos representam o desafio inaugural que Jesus lança so-

bre os poderes do mal que escravizam o ser humano e to-
lhem sua dignidade de várias formas.

O contexto no qual Jesus opera esta libertação era o contexto da dominação romana. Os romanos com suas legiões im-

punham a pax romana, a ferro e fogo. O povo era oprimido e se desesperava. O endemoninhado representa a ansiedade coletiva, o desespero em face do imperialismo romano. Jesus, ao libertar o homem da legião e mandar os demônios que



atormentavam o infeliz para os porcos (figura dos pagãos para os judeus) os quais precipitaram-se no mar, lembra a libertação que Deus operou através de Moisés. Ele libertou o povo do Egito e fez com que as legiões do exército do Faraó se afogassem no mar. Jesus é o libertador com poder total. Não há miséria, por mais extrema que seja, que esteja fora de seu alcance. Era impossível libertar aquele homem endemoninhado; Jesus o fez com a força de sua palavra divina. Jesus é o mestre do impossível. Jesus liberta do “inimigo da natureza humana” como Santo Inácio de Loyola chama o demônio (cf. *Exercícios Espirituais*, Loyola, S. Paulo, 1985, p. 16).

Porém, a reflexão sobre este acontecimento nos leva também a pensar na angústia do ser humano diante da realidade do mal, do pecado, sua vontade de se libertar e ao mesmo tempo seu medo de ser livre. O endemoninhado se prostra diante de Jesus em adoração, ao mesmo tempo o esconjura a deixá-lo em paz. É a contradição do pecado

que afasta o homem de Deus. Embora desejando libertar-se do mal, do pecado, ama o pecado. Recusa a libertação que Jesus traz. Jesus manda e o demônio que atormentava aquele homem o deixa. Porém, aí entra um detalhe importante. Entra nos porcos que se precipitam no mar.

“Esta aí o apelo para quem provou a libertação operada por Jesus em sua vida, apelo a ser missionário no local onde se vive e se trabalha. Anunciando o Evangelho da vida, defendendo a dignidade do ser humano.”

Os porcos morrem, o homem está salvo e feliz. O que significavam os porcos? A fonte de lucro a economia daquele povo. O prejuízo foi grande, pedem a Jesus que vá embora, que se afaste deles. Jesus é rejeitado: “Ele veio para o que era seu mas os seus não o receberam” (João 1,11).

Era muito mais fácil se livrarem de Jesus do que tentarem ser transformados por ele ou aprender dele. Estavam cegos pelo egoísmo, não percebiam que a libertação de um ser humano é muito mais importante que um prejuízo material, não compreendem que a cura do endemoninhado era um sinal de libertação total operado por Jesus, uma promessa de salvação que vai além do lucro e dos bens materiais. A nossa sociedade dominada pelo “deus” dinheiro faz do lucro o objetivo supremo, ela também prescinde da libertação que Jesus traz. Se de um lado há uma busca de liberdade como nunca, de outro há a incapacidade de reconhecer esta liberdade a não ser no dinheiro. Não se pode servir a dois senhores, disse Jesus, ou se serve a Deus ou ao dinheiro (Lc 16,13). Estes gadarenos, o povo deste lugar, pedem que Jesus se retire, preferem adorar o dinheiro, representado pelo lucro que obtinham com os porcos. Não importa que as pessoas fiquem na miséria, como estava o endemoninhado.

Mais uma última lição nos dá esta narrativa evangélica, a partir da fé: o endemoninhado pede para ir com Jesus, ser seu discípulo; Jesus aceita, mas não permite que ele o acompanhe. Jesus quer que ele fique ali para narrar a libertação operada por Jesus em sua vida. Ele será missionário ali. Já acompanham Jesus os doze, estes irão com ele para outros lugares. Está aí o apelo para quem provou a libertação operada em sua vida, apelo a ser missionário no local onde se vive e se trabalha. Anunciando o Evangelho da vida, defendendo a dignidade do ser humano. A promoção da vida, a defesa dos direitos humanos não está dissociada da evangelização, mas faz parte dela.

A Palavra de Deus nos apresenta ainda um exemplo concreto de alguém que preferiu o bem do povo no lugar da vantagem para si e da preservação de sua riqueza. A primeira leitura nos apresenta um drama da vida do Rei Davi. Seu filho o trai e, desejando tirar-lhe o trono, desencadeia um conflito

que terminará com a morte trágica do traidor. O rei para evitar uma guerra civil prefere fugir, não quer seu filho morto (o que acabará acontecendo) e nem a morte dos cidadãos de Jerusalém. Na fuga Davi é humilhado, mas enfim será restabelecido no trono e o futuro se encarrega-

“Neste Ano Santo da Misericórdia, querido pelo Papa Francisco, que nós possamos perceber a misericórdia de Deus como poder que conserva, protege, fomenta, cria e fundamenta a vida.”

rá de mostrar sua generosidade capaz de refazer os elos e alianças para manter a unidade e o bem do Povo de Deus. Davi coloca o bem da nação acima dos interesses pessoais, acima de si mesmo. Mostra-se um servidor realmente, preferindo preservar a vida do povo, mesmo correndo o risco de, na fuga, perder a própria vida. Está aí uma lição que

não precisa de comentários. Em nossa sociedade marcada pelo narcisismo e o egoísmo, pensar mais no bem dos outros do que no próprio bem, é apanágio de quem crê na vida a partir da fé em Jesus Cristo que ensinou: “Não há maior amor que dar a vida pelos amigos” (Jo 15,13).

Irmãos e irmãs, confortados pela Palavra de Deus, peçamos a luz e o discernimento de seu Espírito para descobrirmos em nossa vida a beleza do amor que se manifesta na misericórdia. Neste Ano Santo da Misericórdia, querido pelo Papa Francisco, que nós possamos perceber a misericórdia de Deus como poder que conserva, protege, fomenta, cria e fundamenta a vida. Esta misericórdia manifestada em Jesus Cristo. Ela ultrapassa a lógica da justiça humana, que se resume ao castigo. A misericórdia e o modo com o qual Deus escolheu vencer o mal, é o limite que Deus coloca ao mal no mundo. Que em tudo possamos ajudar a ação divina em nós e em cada pessoa que nos é confiada. Amém! □

A CONCEPÇÃO DO PROJETO DE INOVAÇÃO FEI

Saudação na abertura da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em fevereiro de 2016.

O objetivo dessa apresentação é mostrar a concepção estratégica de inovação que pautará o desenvolvimento do Centro Universitário nos próximos anos. Uma agenda permanente que deverá colocar a instituição na vanguarda do conhecimento e levá-la ao protagonismo da discussão, planejamento e soluções de grandes questões sociais e tecnológicas do futuro.

As bases do conceito aqui estabelecidas não são inéditas, mas uma revisitação da própria origem da Companhia de Jesus, que inspirou a fundação e inspira a evolução da instituição. Portanto, nosso ponto de partida é o *magis* inaciano.

O “Magis” Inaciano e a origem da FEI

Para a maior glória de Deus, ao serviço sempre mais fiel aos pobres, ao bem mais universal, aos meios apostólicos mais eficazes. Para Santo Inácio de Loyola, sempre podemos experimentar um avanço em relação àquilo que já fazemos ou vivemos. É este o referencial de qualidade que deve nortear nossa instituição.

A pessoa que vive e se deixa impelir pelo *magis* é alguém que nunca está satisfeito com a

“Para Santo Inácio de Loyola, sempre podemos experimentar um avanço em relação àquilo que já fazemos ou vivemos. É este o referencial de qualidade que deve nortear nossa instituição.”



Prof. Dr. Fábio do Prado

Reitor do Centro Universitário FEI



realidade existente, porque tem um permanente impulso de descobrir e de redefinir. Aquele que deseja encontrar o *magis* deve arriscar-se na superação do já conhecido, do definido e do esperimentado, em vista sempre do bem maior, do novo, do mais justo.

E baseada nessa máxima, a FEI é uma instituição de educação católica que nasce empreendedora, tendo como premissas:

- O *magis* inaciano como referência de atitude institucional.
- A pedagogia inaciana – tendo por base a formação integral do aluno – como referência de ensino.
- O diálogo eficiente com a indústria.
- Excelência na formação acadêmica e profissional – formação para o serviço.
- Projeto institucional com foco em áreas estratégicas – tecnologia e gestão.
- Projeto sistêmico e multidisciplinar.

Nesse ponto cabe ressaltar uma frase do fundador da instituição, Roberto Sabóia de Medeiros, S.J., que exemplifica a orientação institucional, desde a sua origem:

“Uma universidade não é enciclopédismo. Não é o local onde se aprende um pouco de tudo, onde cada dia se somam aos programas novas matérias. (...) Não pretende ensinar tudo, mas comunicar os pontos de partida, os princípios e as articulações entre parte e parte, de modo a que uma sabedoria domine as particularidades de cada matéria ou de cada ciência”.

A Instituição em transformação

Ao longo de mais 70 anos de história, o Centro Universitário FEI desenvolve-se, sistematizando o seu projeto original pautado em princípios claros:

- Formação integral da pessoa, embasada pelo humanismo cristão.
- Diálogo com a cultura.
- Inserção social da universidade.

- Foco nas áreas de competência, atração/capacitação de talentos e geração de conhecimento de ponta em áreas estratégicas.
- Articulação do ensino, da pesquisa e da extensão.
- Atitudes inovadoras que desenvolvam a criatividade e a disciplina por meio do processo de gestão de projetos: autonomia discente.
- Qualidade como fim, inovação como meta.
- Ciência e tecnologia a serviço do homem e da sociedade.

Ao longo desse itinerário de expansão e fiel à sua inspiração católica, a instituição direciona seu projeto para a avaliação crítica do avanço científico e tecnológico à luz do bem comum, ou como afirmou, em 2011, o Padre Geral da Companhia de Jesus, Adolfo Nicolás, S.J.:

“O avanço do conhecimento, as descobertas científicas, as inovações tecnológicas representam uma conquista inquestionável da humanidade.”

de, mas, ao mesmo tempo que servem para melhorar muitos aspectos da vida, contêm a semente de novas desigualdades e maiores diferenças. Uma educação puramente técnico-científica e racional não é suficiente: se não desenvolvermos algum tipo de revolução espiritual que possa manter o mesmo nível que o nosso gênio tecnológico, é muito improvável que se obtenha um verdadeiro progresso humano”.

E esta visão inovadora, de priorizar a tecnologia para melhoria de qualidade de vida, continua a orientar os atuais passos institucionais. Em recente editorial da Revista *Domínio FEI*, nosso Presidente, Theodoro Peters, S.J., emite um texto de grande inspiração a todos, do qual destacamos os seguintes extratos:

“É próprio de Deus estimular a criatividade, torcer felicidade humana, destruir o mal e o pecado. Ele não tem rival. Inova, favorecendo a pessoa a vencer em tudo o que apequena, restringe, limita, prende o sujeito em si mesmo, impedindo-o de traçar suas próprias rotas. Ele inspira o modo de ser, ensinar, pesquisar, partilhar as ações comunitárias e sociais. Incentiva

para a reflexão profundamente pessoal e a participação ativa em redes de estudo e pesquisa”.

“O ser humano questiona o infinito através do conhecimento, da curiosidade em busca de todas as respostas e soluções para as questões que se apresentam, ou são suscitadas. Tudo é abarcado pelo seu interesse”.

“Formar uma juventude capaz de focar sinergicamente sua energia, talento e capacidade. Apta para aprofundar os argumentos, as teorias, os estudos, criando novos aplicativos laboratoriais. Atilada no discernimento dos valores irrenunciáveis, buscando o bem comum e extirpando o que faz mal. Inovadores nos estudos, pesquisas, laboratórios, projetos, protótipos e nas atitudes pessoais e profissionais, desenvolvendo as virtudes de atenção aos outros, consciência reta, cidadania clarividente, liderança perspicaz”.

“Renovar a face da terra, transformar a sociedade, qualificar a vida é a autêntica inovação, o projeto divino realizando-se pelas mãos e mentes humanas. Mãos à obra no atelier da Inovação. Mentes em busca das melhores opções”.

Pilares da universidade inovadora e o caminho de inovação adotado pelo Centro Universitário FEI

Quando se descortina o futuro da educação diante das demandas da sociedade contemporânea, pode-se elencar alguns fundamentos nos quais a futura universidade deve estar calcada:

- Desenvolvimento de uma cultura de inovação em todas as instâncias acadêmicas – estado vibrante de atenção às oportunidades e de abertura ao diálogo com a sociedade;
- Atitudes inovadoras e empreendedoras de todo o corpo docente e corpo administrativo, reais agentes de transformação;
- Aprendizagem ativa e inclusão das novas tecnologias que permitam a devida articulação do conhecimento, da pesquisa e do pensamento acadêmico com o contexto real de vida dos estudantes. Essa ação exige a compreensão das novas culturas e uma

universidade “de saída” que avança às fronteiras;

- Projetos de cursos inovadores e “flexíveis” que favoreçam atividades multidisciplinares, a novidade, o diálogo com mercado, a gestão de projetos e carreira, a experiência internacional;
- Integração dos currículos com a pesquisa. A articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão deve ser um ciclo virtuoso, de permanente realimentação e sinergia;
- Projetos acadêmicos que de fato façam movimentar a tríplice hélice do processo de inovação, ou seja, o permanente diálogo entre a academia, a empresa/indústria e o setor público;
- Poder de captação de recursos: ampliar fontes privadas e públicas de financiamento de projetos, contratos de pesquisa, parcerias com setor privado, patentes e licenciamentos de tecnologias.
- Processo formativo que favo-

reça o raciocínio “sintético”, em complemento ao “analítico”, e a visão gerencial dos processos.

Ao trilhar o caminho da inovação, o Centro Universitário investiu em iniciativas estratégicas para a formatação desse ambiente favorável. Dentre elas, destacam-se:

1. A reestruturação do Instituto de Pesquisas e Estudos Industriais – IPEI – e a revisão de sua atuação

Criado em 1975, na última década o IPEI passou por uma significativa transformação estrutural, tendo por objetivos integrar o Centro Universitário com o meio empresarial e produtivo, utilizando as competências dos docentes e as facilidades de nossos laboratórios de ensino e pesquisa. Dentre as principais transformações, podem-se considerar:

- Novo modelo de relacionamento e inserção no setor produtivo e outros nichos de inovação;
- Criação do Centro de Proje-

tos de Inovação – prospecção de oportunidades de desenvolvimento de pesquisas por meio do incentivo à participação em editais públicos e parcerias público-privadas;

- Prioridade na gestão de projetos com ações de acompanhamento e apoio aos docentes-pesquisadores;
- Investimentos na formação de recursos humanos qualificados.

Em 2015, cria-se no âmbito do instituto a Agência FEI de Inovação – AGFEI – por meio da Portaria R-17/2015 de 28 de agosto de 2015. Em seu Art. 2º ela estabelece:

“A AGFEI tem como finalidade organizar e fortalecer as interações entre o Centro Universitário FEI, o setor produtivo, órgãos do governo e demais instituições comprometidas com a inovação tecnológica, por meio do gerenciamento de políticas institucionais de inovação, gestão de proteção da propriedade intelectual, transferência de tecnologias e incentivo ao empreendedorismo nas diversas atividades acadêmicas do Centro Universitário FEI”.

De seu Art. 4º extraem-se as seguintes competências da AGFEI:

“(…) II. Assessorar a administração superior do Centro Universitário FEI em assuntos relacionados à propriedade intelectual, transferência de tecnologia e inovação;

III. Propor ações visando à conscientização da comunidade acadêmica a respeito da propriedade intelectual, transferência de tecnologia e inovação;

(…) X. Mapear os resultados dos projetos de pesquisa realizados no Centro Universitário FEI, com intuito de induzir o processo de inovação;

(…) XII. Apoiar os pesquisadores do Centro Universitário FEI na captação de recursos para pesquisa provenientes de fundos públicos, estatais e privados, realizando a busca de oportunidades, apoio e orientação na submissão de propostas e no estabelecimento de parcerias;

XIII. Realizar a gestão administrativa dos projetos de inovação tecnológica desenvolvidos em parceria com as empresas e/ou órgãos de fomento à pesquisa;

(…) XVI. Propor e coordenar ações, a serem desenvolvidas com órgãos públicos e privados, visando o planejamento, implantação e gestão de incubadoras de empresas e de parques tecnológicos;

XVII. Promover ações de transferência, licenciamento e comercialização de tecnologias do Centro Universitário da FEI, em consonância com os interesses institucionais”.

2. Criação da Comissão de Inovação

Em junho de 2015, foi constituída pela Presidência uma Comissão composta por membros da governança da Mantenedora e do Centro Universitário – Pe. Peters, Dr. Ingo, Dr. Batista, Prof. Fábio, Prof. Marcelo, Prof. Vagner – com os seguintes objetivos:

- Elaborar ações para cultura de inovação.
- Estabelecer agenda tecnológica de futuro.
- Estabelecer referenciais para um projeto de formação de profissionais inovadores.

3. Criação do GT de Inovação

No segundo semestre de 2015, foi constituído pela Reitoria um Grupo de Trabalho composto pelos professores Fábio, Marcelo, Carla, Kurt, Roberto Baginski, Roberto Bortolussi, Vagner e William (Rafael e Rogério) com os seguintes objetivos:

- Propor atividades curriculares e complementares extracurriculares, em conformidade com as diretrizes e determinações da Comissão de Inovação.
- Desenvolver a interlocução com a comunidade acadêmica.
- Implementar as ações, em conjunto com os responsáveis acadêmicos.

A seguir, passaremos a descrever os princípios do Projeto de Inovação da FEI.

Referenciais para Projeto Inovador

1. Objetivos gerais

Capacitar o jovem estudante

da FEI para ser um solucionador de problemas mal estruturados que requer criatividade e domínio do processo inovador, por meio de uso multidisciplinar de tecnologias, com a finalidade de ser um protagonista na melhoria da qualidade de vida – valores institucionais.

2. *Concepção*

Desenvolver uma cultura de inovação que envolva toda comunidade acadêmica (docentes, colaboradores administrativos, gestores) pautada nos conceitos da criatividade e disciplinada pelo processo da gestão de projetos. Essa cultura deve favorecer uma formação que priorize:

- O protagonismo do estudante no seu processo de aprendizagem.
- O desenvolvimento de competências, abordando conteúdos interdisciplinares e eletivos.
- A autonomia intelectual por meio da criatividade e proposição de ideias.



Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão em fevereiro/2016, com a participação de professores e colaboradores do Centro Universitário FEI.

- O empreendedorismo.
- A visão global e a experiência internacional.
- A visão sistêmica e multidisciplinar.
- A aptidão para a tomada de decisões, utilizando de forma analítica as informações disponíveis e avaliando seu impacto social, econômico e ambiental.
- A percepção das tendências de futuro, permitindo ao profissional lidar com as incertezas dos processos e assumindo uma postura proativa.
- A capacidade de gestão de processos e de projetos.
- O uso de metodologias ativas de aprendizagem e intensificação do uso de TICs, potencializando as atividades extraclasse, a tutoria, o aprendizado baseado em projetos.

3. *Agenda de futuro*

O processo deve ser pautado por grandes temas do futuro, de modo a permitir a formação profissionais preparados para fazerem parte das soluções inovadoras e em permanente sintonia com o futuro. Os grandes temas foram assim estabelecidos:

- Mobilidade e conectividade – novos modelos de convivência urbana.
- Segurança alimentar e água – acessibilidade e economia dos elementos básicos da vida.
- Segurança e eficiência energética – desenvolvimento individual e coletivo.
- Tecnologias para saúde e bem-estar.
- Desenvolvimento sustentável – economia, inserção social, segurança ambiental.
- Tecnologias de processo: Internet das Coisas, Indústria 4.0, Technology Assessment, etc.
- Tecnologias específicas: fibras e tecidos, logística, recursos, novos materiais, etc.

Descrição do Projeto

O projeto se baseará nos cinco passos do “processo de inovação” como princípios de procedimentos, com fases distintas e distribuídas ao longo dos períodos acadêmicos, devendo priorizar:

- A aprendizagem crescente e devidamente articulada com o amadurecimento tecnológico.
- O direcionamento do processo em função do problema enunciado.
- As técnicas e procedimentos que racionalizam o processo criativo.

São esses os conhecidos passos para inovação:

- 1º – Formulação do problema.
- 2º – Busca de soluções.
- 3º – Seleção da melhor solução.
- 4º – Desenvolvimento da solução.
- 5º – Implementação e/ou comercialização.

Gestão da Inovação

A governança do processo de inovação será realizada por meio de duas instâncias assim constituídas:

1. Grupo Orientador

O grupo será coordenado pelo Presidente do Conselho de

Curadores da FEI e constituído por personalidades da governança da FEI – Mantenedora e Centro Universitário – e por personalidades externas de notável reputação no processo de gestão da inovação. Sua missão será:

- Estabelecer as diretrizes estratégicas de inovação da instituição, a ser apropriadas no Plano de Desenvolvimento Institucional.
- Orientar o Grupo Gestor e o processo de implantação e expansão do projeto.
- Indicar profissionais para compor o Grupo Gestor.
- Propor sugestões temáticas e palestrantes para os Congressos.
- Avaliar o processo de Inovação.

2. Grupo Gestor

Seus membros serão indicados pelo Grupo Orientador. Será coordenado por um profissional em tempo integral com experiência em inovação e composto

por mais dois membros como suporte técnico e administrativo. Sua função será:

- Gerir o processo de implantação do projeto de inovação.
- Realizar os diálogos e articulações necessários com as chefias acadêmicas ao longo do processo.
- Elaborar material didático de apoio.
- Organizar os treinamentos dos colaboradores docentes e técnico-administrativos, bem como eventos e seminários previstos.
- Capacitar e selecionar colaboradores tutores para atuarem como multiplicadores do projeto a partir de suas experiências profissionais individuais.
- Capacitar e selecionar monitores discentes ao longo do processo formativo para atuarem junto às novas turmas.

O ano de 2016

Os objetivos específicos para

o primeiro ano de implementação do projeto são:

- Todo o corpo docente e administrativo deverá dominar os passos do processo de inovação.
- Os alunos ingressantes deverão ser introduzidos aos passos da inovação.
- Os alunos ingressantes deverão aprender a formular o problema (1º passo do processo).
- Grupo Gestor de Inovação será constituído.

O futuro

O caminhar de toda comunidade acadêmica sob as diretrizes estabelecidas nesse documento e a execução das ações aqui propostas descortinam para o Centro Universitário FEI um futuro de destaque no cenário de inovação nacional e mundial, e de excelência na formação de profissionais sintonizados com essa agenda. Estes devem ser devidamente preparados para propor soluções inovadoras e para assu-

mir o protagonismo na melhoria da qualidade de vida – valor irrenunciável de nossa instituição.

Desse modo, a instituição cumpre na prática sua inspiração fundacional: atuar em vista do bem maior, do novo, do mais justo.

Uma frase do Papa Francisco ilustra essa nobre inquietude de desinstalar-se e lançar-se às fronteiras e ao inovador:

“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças (...). Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta”. (Exortação Evangelii Gaudium, 2013, 49).

Começemos, então, com ousadia e segurança a escrever esse futuro. Feliz ano acadêmico de 2016! ▢

PADRE ARTURO SOSA, NOVO SUPERIOR GERAL DA COMPANHIA DE JESUS



No século XVI, Santo Inácio concebeu a Companhia de Jesus com uma estrutura monárquica cujo governo está centrado no Superior Geral que, com a assessoria de Assistentes, acompanha as atividades da Companhia nos diversos continentes. Para isso, os países e regiões foram divididos em Províncias, sob

a responsabilidade de Superiores Provinciais, nomeados pelo Geral. Por sua vez, ao Superior Provincial estão ligados os Superiores locais das comunidades, diretores de obras e residências.

É uma estrutura monárquica participativa porque prevê instâncias de consulta e discernimentos e, nas ocasiões especiais, elegendo os delegados para as reuniões

previstas nas Constituições da Ordem, convocadas pelo Superior Geral ou Provincial.

É o caso da Congregação Geral quando os Provinciais e delegados das Províncias periodicamente são convocados para debater questões importantes que afetam a toda Companhia ou para a eleição do novo Superior Geral.

O cargo de Superior Geral, ou Padre Geral na linguagem usual da Companhia, foi concebido como vitalício e assim foi até o governo do Padre Pedro Arrupe, quando um derrame, em 1981, impediu que continuasse no exercício da função. O mesmo ocorreu com seu sucessor, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, depois de 27 anos de governo, sentiu que a idade lhe pesava. Padre Adolfo Nicolás que o sucedeu, depois de seis anos, passou pelo mesmo problema.

Em 2014 apresentou à Companhia o pedido de renúncia.

Começaram então a serem feitos os preparativos para a Congregação Geral convocada para 2 de outubro de 2016, a ser realizada em Roma. As Províncias reuniram-se em Congregações Provinciais para elegerem os delegados e indicar temas que conviriam ser levados à apreciação da Congregação Geral para consideração do novo Geral.

No dia 14 de outubro, o venezuelano Padre Arturo Sosa foi eleito o trigésimo sucessor de Santo Inácio no governo geral da Companhia.

Padre Arturo Sosa Abascal nasceu em 1948, em Caracas. Entrou para a Companhia em 1966. Depois da formação eclesial para o sacerdócio, teve uma longa trajetória de dedicação ao ensino e pesquisa ocupando diversos cargos e funções acadêmicas. Foi professor e membro do Conselho da Universidade Católica Andrés Bello e por dez anos Reitor da Universidade Católica de Táchi-

ra. Como Doutor em Ciências Sociais e Políticas era frequentemente solicitado para atividades acadêmicas nas Universidades e Centros de Pesquisas Sociais e Políticas da Venezuela e dos Estados Unidos. Tem vários livros publicados voltados sobretudo para a história e política venezuelana.

Como Superior Provincial dos jesuítas deu especial atenção aos problemas sociais diante da complexa situação política do país.

Em 2014, o Pe. Adolfo Nicolás, Geral da Companhia, o nomeou Superior das Casas Interna-

cionais da Companhia em Roma que incluem a Universidade Gregoriana, o Pontifício Instituto Bíblico, o Pontifício Instituto Oriental, o Observatório Vaticano, a revista *Civiltà Cattolica*, cargo que vinha exercendo até agora.

Padre Arturo Sosa assume o governo da Companhia num momento muito especial em que temos um jesuíta como Papa.

Ambos são os primeiros latino-americanos a ocupar cargos da maior responsabilidade para a Igreja e para a Companhia.



Da esquerda para direita: Pe. João Renato Eidt, S.J., Provincial da Província do Brasil (BRA), Pe. Theodoro Peters, S.J., Presidente da Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros e Pe. Arturo Sosa, S.J., Superior Geral da Companhia de Jesus. Roma, Cúria Geral, 20 de outubro de 2016.

RUMO A UMA IGREJA DA MISERICÓRDIA

Nós estamos em pleno “jubileu da Misericórdia”, que teve início no dia 8 de dezembro de 2015, por ocasião da festa da Imaculada Conceição e celebração do cinquentenário de conclusão do Concílio Vaticano II. O jubileu da misericórdia, como deseja Francisco, deve ser vivido como oportunidade de retomada e aprofundamento do Concílio: “Hoje, aqui em Roma e em todas as dioceses do mundo, ao cruzar a Porta Santa, queremos também recordar outra porta que, há cinquenta anos, os Padres do Concílio Vaticano II escancararam ao mundo. Esta efeméride não pode lembrar apenas *as riquezas emanadas dos documentos*, que permitem verificar até aos nossos dias o grande progresso que se realizou na fé. Mas o Concílio foi também, e prima-

riamente, um encontro; um verdadeiro encontro entre a Igreja e os homens do nosso tempo. Um encontro marcado pela força do Espírito que impelia a sua Igreja a sair dos baixos que por muitos anos a mantiveram fechada em si mesma, para retomar com entusiasmo o caminho missionário. Era a retomada de um percurso para ir ao encontro de cada homem no lugar onde vive: na sua cidade, na sua casa, no local de trabalho... em qualquer lugar onde houver uma pessoa, a Igreja é chamada a ir lá ter com ela, para lhe levar a alegria do Evangelho e levar a Misericórdia e o perdão de Deus. Trata-se, pois, de um impulso missionário que, depois destas décadas, retomamos com a mesma força

“Na bula de convocação, o Papa escreve que a misericórdia ‘é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida’ (*Misericordiae vultus*).”



Pe. Carlos Alberto Contieri, S.J.
Diretor do Pateo do Collegio

e o mesmo entusiasmo. O Jubileu exorta-nos a esta abertura e obriga-nos a não transcurar o espírito que surgiu do Vaticano II, o do Samaritano, como recordou o Beato Paulo VI na conclusão do Concílio. Atravessar hoje a Porta Santa compromete-nos a adaptar a misericórdia do bom samaritano.” Vito Mancuso, teólogo italiano, falando do jubileu da Misericórdia diz: “na bula de convocação, o Papa escreve que a misericórdia ‘é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida’ (*Misericordiae vultus*). São palavras de intenso otimismo, segundo as quais todo ser humano, se levar a sério a luz que permeia o olhar do outro, se abre para a dinâmica da relação interpessoal e pode superar o conflito que habita a superfície do ser.”

Eu quisera, antes de tudo, esclarecer algo que poderia ser óbvio a todos nós: “a obediência, em matéria de fé, é, prioritariamente, obediência ao Evangelho

e a Deus. A obediência ao Papa vem somente em segundo lugar, e enquanto ele enuncia a verdade do Evangelho ou da Escritura, que ele recorda e reformula o que os cristãos creram desde sempre. O Papa é o guardião da tradição. Mas a tradição da fé evolui, ao mesmo tempo que a cultura” (J. Moingt, p. 159). Isto significa que, a cada época, as definições da fé podem e devem ser explicadas levando em conta a ciência e a cultura de então. O Papa, dissemos, “é guardião da tradição, encarregado de manter a verdade e a unidade da fé, mas isto não quer dizer encarregado de mantê-la perpetuamente uniforme e imutável na sua linguagem, pois ele deve cuidar que a fé seja compreendida” (Id., 160), no tempo presente.

Objetivos do Papa

Isso esclarecido, podemos nos perguntar: o que Francisco pretende com o seu ministério petrinho? Cheguei, então, ao seguinte título: “Francisco, o Papa da Misericórdia, rumo a uma Igreja

da Misericórdia”. Creio que a Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae Vultus*, sustenta a minha percepção. O jubileu extraordinário da Misericórdia tem por finalidade tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes (cf. n.3). A data de início do ano jubilar, 8 de dezembro de 2015, é significativa, pois se trata da comemoração dos cinquenta anos de conclusão do Vaticano II, como acima mencionei. O Papa diz que “a Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele acontecimento (...). A Igreja sentia a responsabilidade de ser, no mundo, o sinal vivo do amor do Pai” (n.4). Francisco recorda as palavras de João XXIII, na abertura do Concílio, em outubro de 1962, que indicava o caminho a seguir: “Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade. (...) A Igreja Católica (...) deve mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade com

os filhos dela separados” (n.4). Lembra, ainda, a intervenção do Papa Paulo VI, na conclusão do Concílio: “Desejamos notar que a religião do nosso Concílio foi, antes de mais, a caridade. (...) Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo as quais se orientou o nosso Concílio” (n.4). Noto com isso, que a misericórdia é o que Francisco deseja que a Igreja viva e transmita como o seu testemunho, ao mesmo tempo, que é a oportunidade de retomar, por ocasião do cinquentenário de sua conclusão, com força e determinação, o Concílio Vaticano II. No dia 24 de outubro de 2015, no seu discurso por ocasião da conclusão da XIV Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco diz: “... a experiência do Sínodo nos fez também compreender melhor que os verdadeiros defensores da doutrina não são aqueles que defendem a letra, mas o espírito; não as ideias, mas o ser humano; não as fórmulas, mas a gratuidade do amor de Deus e do seu perdão. Isto não signifi-

ca, de modo algum, diminuir o valor das fórmulas: elas são necessárias; a importância das leis e dos mandamentos divinos, mas exaltar a grandeza do verdadeiro Deus, que não nos trata segundo os nossos méritos e, tampouco, segundo nossas obras, mas unicamente segundo a generosidade ilimitada da sua Misericórdia...”. Mais adiante, ele continua: “O primeiro dever da Igreja não é o de distribuir condenações ou anátemas, mas o de proclamar a misericórdia de Deus, de chamar à conversão e de conduzir todas as pessoas à salvação do Senhor (cf. Jo 12,44-50).”

Destaques

O tema é muito amplo e complexo e não pode ser tratado com a pretensão de ser completo ou exaustivo. É uma visão, a minha visão, e que desejo permanecer aberta de modo que a reflexão continue *a posteriori*. Vou privilegiar alguns pontos, sem deixar de admitir que há tantos outros que poderiam ser tratados. Se alguém me perguntasse:

por que a escolha destes pontos para falar do Papa Francisco e da Igreja? Eu responderia com uma outra pergunta para que a nossa conversa fosse franca e frutuosa: Por que não? Vocês sabem muito bem que não falta literatura acerca do Papa Francisco e do seu pontificado; quase todos os dias há uma notícia estampada nos jornais do mundo inteiro; às vezes, escândalo e intrigas. Aqui, no entanto, não é lugar de aprofundamento, mas de uma modesta proposta de conversa e ajuda.

O modo como o recém-eleito Bispo de Roma se apresentou, no início da noite do dia 13 de março de 2013, no balcão da imensa Basílica de São Pedro, em Roma, surpreendeu a todos, no mundo inteiro: veio do “fim do mundo”, como ele mesmo disse, adotou o nome de “Francisco” (nome que, simbolicamente, já é um programa - como nós estamos vendo e ouvindo em suas aparições e pronunciamentos, sem contar as missas diárias na capela da Casa Santa Marta).

Apresenta-se despojado: sem a mozeta vermelha, sem estar revestido da tradicional estola rica e belamente bordada (só usou para a bênção), sem cruz peitoral de ouro, nem sapatos vermelhos. O externo já era o anúncio de um novo tempo, o início de uma mudança e transformação do ministério petrino, do papado e de toda a Igreja, incluído a Cúria Romana. Suas primeiras palavras à multidão que se aglomerava na Praça de São Pedro revelam uma profunda interioridade que o fez, não obstante a altura da sacada vaticana, próximo de todas as pessoas: sua saudação inicial, familiar e acompanhada de um sorriso, foi assim: “Fratelli e sorelli, buona sera! Vós sabeis que o dever do conclave era dar um bispo a Roma. Parece que os meus irmãos cardeais foram pegá-lo quase no fim do mundo. Mas, estamos aqui! Agradeço a acolhida da comunidade diocesana de Roma a seu Bispo. Obrigado! E, antes de tudo, queria fazer uma oração por nosso bispo emérito, Bento XVI. Rezemos juntos por ele,

para que o Senhor o abençoe e Nossa Senhora o proteja (reza em seguida um Pai nosso).

E, agora, começamos este ***caminho***, Bispo e Povo, este ***caminho*** da Igreja de Roma, que é aquela que preside na caridade todas as Igrejas; um ***caminho*** de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre por nós, um pelo outro; rezemos por todo o mundo para que haja uma grande fraternidade. Desejo que este ***caminho*** de Igreja que hoje começamos (...) seja frutuoso para a evangelização desta tão bela cidade. Agora, gostaria de dar a bênção, mas, antes, peço-vos um favor: antes que o Bispo abençoe o povo, peço-vos que peçais ao Senhor que me abençoe - é a oração do povo pedindo a bênção para o seu bispo. Façamos em silêncio a vossa oração sobre mim.

MISERICORDIOSOS COMO O PAI



(...)”. E termina com o mesmo tom familiar: “Fratelli e sorelli, muito obrigado pela acolhida. Rezem por mim. Vemo-nos logo mais! Amanhã, quero ir rezar a Nossa Senhora para que proteja

Roma inteira. Boa noite e bom repouso!”. Francisco é alguém avesso ao poder e, sobretudo, ao poder absoluto. Para ele o poder é para o serviço. Logo depois de sua eleição, houve um encontro dos alunos das escolas jesuítas da Itália e da Albânia com ele. Ele deixou o papel - discurso de lado e preferiu que fosse uma conversa ao estilo pergunta e resposta. Uma menina perguntou a Francisco: “O senhor sempre quis ser Papa?” Ele soltou uma imensa e espontânea gargalhada e disse: “Quem quer ser Papa não pensa nos outros!”

Homem aberto ao encontro

O Papa, desde o início do seu pontificado, tem se mostrado um *homem aberto ao encontro, encontro com o outro que transforma a vida, o olhar, o modo de viver*: em primeiro lugar, e como origem dos demais encontros, com Deus; Francisco é um homem de oração, um contemplativo ao estilo inaciano; um homem para quem Jesus Cristo é o centro da vida. Desse

encontro fundamental e norteador com o Deus da vida, tem origem tantos outros encontros, muitos dos quais ele toma a iniciativa: encontros com homens e mulheres de origens e condições diversas; pessoas simples e pessoas com cargos de projeção mundial, pobres e ricos; analfabetos, semianalfabetos e intelectuais,

“Francisco é o Pastor que busca as ovelhas; é alguém para quem as pessoas estão em primeiro lugar, onde quer que elas estejam e não importa qual seja a sua situação ou o seu credo.”

tuais, homens e mulheres de fé e ateus... Pessoas feridas por tantos e tão diversos males, recebem telefonema do Papa. Numa região da Calábria em que estava visitando, pede para parar o carro e desce para cumprimentar as pessoas e abençoar um jovem enfermo, deitado numa cama, e que o esperava passar, à beira da

estrada. Francisco é o Pastor que busca as ovelhas; é alguém para quem *as pessoas estão em primeiro lugar*, onde quer que elas estejam e não importa qual seja a sua situação ou o seu credo. Na sua homilia em Lampedusa, em julho de 2013, diante de seguidos naufrágios de naus superlotadas vindas da África, o Papa diz: “(...) Deus pergunta a cada um de nós: “Onde está o sangue do teu irmão que clama até Mim?” Hoje ninguém no mundo se sente responsável por isso; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna; caímos na atitude hipócrita do sacerdote e do levita de que falava Jesus na parábola do Bom Samaritano: ao vermos o irmão quase morto na beira da estrada, talvez pensemos ‘coitado’ e prosseguimos o nosso caminho, não é dever nosso; e isto basta para nos tranquilizarmos, para sentirmos a consciência em ordem. A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas

mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habituaamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!” E o Papa continua com a pergunta intrigante, do Pastor atingido no coração pelo sofrimento do seu povo: “mas eu queria que nos puséssemos uma terceira pergunta: “Quem de nós chorou por este fato e por fatos como este?” Quem chorou pela morte destes irmãos e irmãs? Quem chorou por estas pessoas que vinham no barco? Pelas mães jovens que traziam os seus filhos? Por estes homens cujo desejo era conseguir qualquer coisa para sustentar as próprias famílias? Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de ‘padecer com’: a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar”. O Papa, como disse muito bem o P. Anto-

nio Spadaro, “não tem uma visão ideológica da realidade, mas uma visão radicalmente existencial. Ele não tem uma teologia sem um enraizamento histórico, experiencial”, ao contrário, sua teologia faz referência a tempos, lugares e pessoas (isso é profundamente inaciano. Para Santo Inácio, a Companhia de Jesus realiza a sua missão tendo em conta as circunstâncias de tempo, lugar e cultura).

Evangelização pela alegria

O Papa vive em Santa Marta, e não no Palácio Apostólico, para não perder o vínculo com a realidade e para não ser prisioneiro dos reducionismos, do poder absoluto, da anemia que impede, pelo cansaço, ir ao encontro das pessoas. Na *Evangelii Gaudium*, em que ele convida a todos para uma nova etapa da evan-

gelização marcada pela **alegria** (n.1), o Papa diz que o grande risco do mundo atual é a “tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, não se ouve a voz de Deus, não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem (...)”.



Estou convencido que o Papa Francisco partilha da opinião do já falecido Cardeal Martini, ele também jesuíta, de que “a Igreja está cansada (...). A nossa cultura envelheceu, as nossas igrejas são grandes, as nossas casas religiosas estão vazias, e o aparato burocrático da Igreja aumenta, os nossos ritos e as nossas vestes são pomposos”. Há, aqui, um claro reconhecimento do distanciamento de boa parte da Igreja hierárquica da vida real. A constatação deste alijamento fez com que o Cardeal Martini afirmasse que a Igreja está atrasada duzentos anos. Há saída para este cansaço? Somente o amor, expressão máxima da vida cristã, é capaz de vencer o cansaço e devolver o dinamismo próprio de um Corpo animado pelo Espírito do Cristo ressuscitado. Deus é Amor, diz o autor da primeira carta de João.

A Igreja necessita de conversão. Cada um de nós, admitamos, necessita de conversão. À conversão Bento XVI convidava a Igreja quando de sua última audiência, na Praça de São Pe-

dro, antes de partir para o seu retiro. É o que Francisco tem repetido e insistido de diferentes modos e em diversas ocasiões. Basta recordarmos sua pregação, em dezembro passado, aos membros da Cúria romana em que ele denunciava os quinze males ou doenças da burocracia vaticana que comprometem mortalmente a missão da Igreja:

1. a doença de sentir-se imortal, imune ou indispensável;
2. a doença do “mortalismo” (que vem de Marta);
3. a doença do empedramento mental e espiritual;
4. a doença da excessiva planificação e do funcionalismo;
5. a doença da má coordenação;
6. a doença do alzheimer espiritual, o esquecimento da história da salvação;
7. a doença da rivalidade e da vanglória;
8. a doença da esquizofrenia espiritual;
9. a doença de divinizar os chefes;
10. a doença das fofocas, das murmurações e das críticas;

11. a doença da indiferença em relação aos outros;
12. a doença do rosto fúnebre;
13. a doença do acumular;
14. a doença dos círculos fechados;
15. a doença do interesse mundano, dos exibicionismos.

Esses males todos poderiam ser resumidos num só: “a identificação com o poder”. Tendo em conta isso, podemos caracterizar, com Vito Mancuso, o momento presente da Igreja, sem pretender simplificar, como “uma luta entre poder e misericórdia, entre Igreja ‘hospital de campanha’ a serviço das necessidades das pessoas e Igreja suma autoridade à qual as pessoas devem obedecer, entre Igreja dos pobres e Igreja poderosa entre os poderosos”.

Aceitação e resistências

Francisco divide as opiniões – isso não é estranho a ninguém. Cresce significativamente o apreço do povo por ele (ouvi que ele tem 20 milhões de seguidores no twitter); o povo vê nele a Igreja e o Pastor que todos desejavam.

Mas o Papa encontra uma forte oposição interna, sobretudo, mas não exclusivamente, na Cúria romana. Basta nos lembrarmos o ocorrido no pré Sínodo sobre a família. Para aqueles que estão preocupados com o que é supérfluo e secundário, com os brocados e rendas, com a aparência e o prestígio, com o poder a todo custo, para os que se esquecem do Evangelho, para aqueles para os quais o Cristo não é o centro da vida, para os que passam a longa distância dos pobres e dos que sofrem, para todos esses o Papa Francisco é incômodo e eles desejam que ele passe logo, para tudo voltar como era antes.

Francisco é alguém que não se deixa seduzir pela aparência, pelo supérfluo nem tampouco pelo poder; ele, falando do papado, é avesso a um poder absoluto, monárquico; deseja, na corrente do Vaticano II, a colegialidade como instrumento de governo da Igreja. A Igreja pretendida por Francisco (ver: *Evangelii Gaudium*; A Igreja da Misericórdia; seus diferentes pronunciamentos

e homilias...) é uma Igreja enraizada no seu Senhor, Jesus Cristo; comprometida com o essencial, misericordiosa, imagem da Misericórdia de Deus revelada em Jesus Cristo. Uma reforma profunda da Igreja, da Cúria romana e do papado se impõem como absolutamente necessárias.

“Francisco é alguém que não se deixa seduzir pela aparência, pelo supérfluo nem tampouco pelo poder; ele, falando do papado, é avesso a um poder absoluto, monárquico; deseja, na corrente do Vaticano II, a colegialidade como instrumento de governo da Igreja.”

Francisco sinaliza para uma Igreja digna de confiança, “em que os bispos sejam escolhidos em razão de suas qualidades e não em função dos jogos de poder e que eles sejam simples como os apóstolos e não opulentos como os magnatas, onde o banco do

Vaticano tenha, pelo menos, o nível ético de um banco ordinário, onde não haja a imundície denunciada por Bento XVI; uma Igreja onde os homens e as mulheres de hoje se sintam em casa porque compreendidos mesmo nos seus erros e não julgados por uma mentalidade friamente doutrinal (...). É por uma Igreja deste tipo que Francisco trabalha insistindo sobre o primado da consciência, a abertura à modernidade, a consulta aos fiéis sobre temas de moral, (...) a preferência pelos pobres, uma linguagem capaz de chegar a todos. O Papa sabe que o primeiro passo da Igreja é voltar a crer no Evangelho; sabe que a Evangelização diz respeito à hierarquia eclesial, antes mesmo do mundo”.

Mas, diante da oposição interna, o Papa conseguirá levar a bom termo esse gigantesco projeto de reforma da Igreja e, mais especificamente, do papado em torno do qual gravitam interesses escusos ao evangelho e à missão da Igreja? Para a Igreja seria catastrófico se Francisco

não puder ir adiante, pois, “as enormes esperanças que ele está suscitando se transformariam numa enorme desilusão” e num golpe letal sobre a credibilidade da Igreja. Com isso, como o afirma Vito Mancuso, “a espiritualidade não morreria, pois está radicada desde sempre no coração do ser humano, bem antes do nascimento do cristianismo. O cristianismo também não morreria, pois encontraria outras formas de expressão, como fez em outras partes do mundo. Teríamos, isto sim, de modo irreversível, a morte da Igreja católica hierárquica assim como a conhecemos hoje, porque ninguém mais acreditaria em uma estrutura que perseguiu um cristão sincero e um homem bom como Jorge Mario Bergoglio. A falência do Papa

vindo do fim do mundo assinaria o fim da Igreja hierárquica e institucional”.

Vocação da Igreja

“A Igreja”, diz o Papa, “é chamada, em primeiro lugar, a ser verdadeira testemunha da misericórdia, professando-a e vivendo-a como o centro da revelação de Jesus Cristo. Do coração da Trindade, do íntimo mais profundo do mistério de Deus, brota e flui incessantemente a grande torrente da misericórdia. Esta fonte nunca poderá esgotar-se, por maior que seja o número daqueles que dela se aproximem. Sempre que alguém tiver necessidade poderá ter acesso a ela, porque a misericórdia de Deus não tem fim” (*Misericordiae Vultus*, 25).

Na Audiência Geral do dia 10 de setembro, o Papa Francisco tratou do tema “A Igreja é Mãe (II): ensina as obras de misericórdia”. Naquela ocasião, ela afirma que um “bom educador aponta para o essencial ... E o essencial, segundo o Evangelho é a misericórdia. O essencial do Evangelho é a Misericórdia. (...) O cristão necessariamente deve ser misericordioso, porque isto é o centro do Evangelho. E fiel a este ensinamento, a Igreja não pode senão repetir a mesma coisa aos seus filhos: Sede misericordiosos, como o é o Pai, e como foi Jesus. A Igreja não dá aulas teóricas sobre o amor, a misericórdia. (A Igreja) não difunde, no mundo, uma filosofia, uma via de sabedoria Claro, o Cristianismo é também tudo isto, mas por consequência, por reflexo. A mãe Igreja, como Jesus, ensina com o exemplo, e as palavras servem para iluminar os significados dos seus gestos.”

“O Papa Francisco convida a ir para as “periferias existenciais”: estar próximo de quem está doente; estar próximo de quem está na prisão; estar próximo de quem é abandonado e morre na solidão.”

O Papa Francisco convida a ir para as “periferias existenciais”: estar próximo de quem

está doente; estar próximo de quem está na prisão; estar próximo de quem é abandonado e morre na solidão. Trata-se de manter a porta sempre aberta, não importa a quem, fiéis e incrédulos, a quem partilha ou não de nossa fé.

Concluindo

Na homilia, durante as Vésperas de 27 de setembro de 2014, na Igreja do Gesù, em Roma, Francisco disse aos jesuítas: “somente o discernimento nos salva do verdadeiro desenraizamento, da verdadeira ‘supressão’ do coração, que é o egoísmo, a mundanidade, a perda do nosso horizonte, da nossa esperança, que é Jesus, que é somente Jesus. (...) A confiança deve crescer exatamente quando as circunstâncias nos põem por terra. O importante para o P. Lorenzo Ricci é que a Companhia, até o fim, seja fiel ao espírito da sua vocação, que é a maior glória de Deus e a salvação das almas.”

No último número da revista *Manresa*, o P. Urbano Valero escreveu um artigo intitulado “Espiritualidade inaciana e obras de misericórdia”. No fim do artigo, ele cita o P. Arrupe: “Somente o homem de Deus, o homem espiritual, no sentido de ser conduzido pelo Espírito, pode ser, com o tempo, o homem para os demais, o homem para a justiça, capaz de contribuir com uma verdadeira transformação do mundo, que vá eliminando dele as estruturas de pecado. A primeira característica da nossa vida no Espírito é, sem dúvida, o amor: ele é o motor de tudo. Mas, não basta amar, é preciso amar discretamente.”

Termino com uma exclamação do Cardeal Martini frente aos escândalos do Banco do Vaticano, que creio Francisco partilha do mesmo desejo: “Que a Igreja perca o dinheiro, mas não perca a si mesma. Porque o que aconteceu pode nos aproximar do Evangelho e ensinar à Igreja a não apontar para os tesouros da terra (Mateus 6, 19-21).” □



Fonte: www.photogallery.va/content/photogallery/it/papi/franciscus.html

A MISERICÓRDIA PALPÁVEL DE DEUS

Encontramo-nos no Ano da Misericórdia. Todo o mundo está falando de Porta Santa, de peregrinação a Roma, de orações “fortes” e de não sei quantas coisas mais, para obter as graças desse ano. Está bom; tudo isso ajuda. Mas muitos esquecem a coisa mais importante: a própria Igreja, depositária e continuadora da obra reconciliadora de Cristo é, por sua própria natureza, sinal e instrumento de reconciliação. Por isso possui, desde os seus inícios, um sacramento da misericórdia, o sacramento da penitência. Desde que Cristo conferiu aos Apóstolos o poder de perdoar os pecados, a Igreja desempenha essa tarefa cotidianamente. Por ter consciência desse encargo, o Código de Direito Canônico, ou seja, a cole-

ção de leis da Igreja Católica, contém uma regulamentação pormenorizada desse sacramento. Não se limita, porém, a dar prescrições. Previamente a elas, nos apresenta os fundamentos teológicos da penitência. Exporei aqui, brevemente, essa doutrina.

“No sacramento da penitência, os fiéis que confessam seus pecados ao ministro legítimo, arrependidos e com o propósito de se emendarem, alcançam de Deus, mediante a absolvição dada pelo mesmo ministro, o perdão dos pecados cometidos após o batismo, e ao mesmo tempo se reconciliam com a Igreja à qual ofenderam pelo

“No sacramento da penitência, os fiéis que confessam seus pecados ao ministro legítimo, arrependidos e com o propósito de se emendarem, alcançam de Deus, mediante a absolvição dada pelo mesmo ministro, o perdão dos pecados cometidos após o batismo, e ao mesmo tempo se reconciliam com a Igreja.”



Pe. Jesus Hortal, S.J.

Doutor em Filosofia e Direito Canônico, Ex-Reitor e Professor Emérito da PUC-Rio

pecado”¹. Desse modo, descreve o nosso Código de direito canônico o sacramento da penitência. Nessa descrição — que evidentemente não pretende ser nem completa nem estritamente dogmática — parece-me que falta um elemento fundamental para a compreensão do que acontece na celebração de tal sacramento: a iniciativa de Deus. Distingamos, pois, três aspectos básicos do sacramento da penitência.

1. A iniciativa de Deus

Em todos os sacramentos, é esse um elemento essencial. Não é o homem que toma a iniciativa de encontrar-se com Deus, mas é Ele quem se aproxima do homem. Nós não subimos até Deus. Ele baixa até nós. Contudo, na penitência, tal iniciativa divina deve ser frisada ainda mais, porque uma liturgia e uma prática pastoral deficientes podem ter deixado a impressão de que o mais importante é o arrependimento e não o perdão. A

verdade é que o sacramento da penitência é, em primeiro lugar, anúncio e atuação da misericórdia de Deus.

Ao longo da história da salvação, o chamado à penitência é constante. Mas também o é

“Ao longo da história da salvação, o chamado à penitência é constante. Mas também o é o anúncio da misericórdia divina. Penitência e remissão dos pecados vão unidas na mensagem cristã, desde o começo da pregação de Cristo até a ascensão.”

o anúncio da misericórdia divina. Penitência e remissão dos pecados vão unidas na mensagem cristã, desde o começo da pregação de Cristo até a ascensão. Na nossa prática pastoral é, portanto, necessário frisar que é Deus quem chama e dá a graça da conversão, mas que é tam-

bém Ele quem, em definitivo, dá o perdão. A união entre a Palavra de Deus, que questiona o homem, e o sacramento deveria aparecer muito mais claramente na prática penitencial. A palavra convoca, anuncia, acolhe, perdoa e despede em paz. É pela palavra que proclamamos a misericórdia, é pela palavra que chamamos a todos para receber a misericórdia. É também pela palavra que acolhemos o pecador arrependido e é pela palavra que lhe transmitimos o perdão de Deus. É, em fim, pela palavra que, no gesto de despedida, transmitimos a paz que Cristo nos deixou.

Por outro lado, deveríamos frisar também claramente que a ação indulgente de Deus não se limita ao sacramento da penitência. Em primeiro lugar, o sacramento reconciliador por excelência é o da Eucaristia, porque nele se faz presente o sacrifício de Cristo, mediante o qual o mundo foi reconciliado com o Pai. Cristo, nossa paz, se torna presente e atuante sobre os

1 Cân. 959.

nossos altares. Por isso, durante a missa, temos dois gestos claramente reconciliadores: o ato penitencial e o abraço da paz; no primeiro, apalpamos a reconciliação com Deus; no segundo, a reconciliação com o irmão.

Em segundo lugar, a própria Igreja tem como tarefa o ministério da reconciliação². A sacramentalidade da Igreja faz com que ela seja “sinal e instrumento da íntima união com Deus”³. Ora, essa união só é possível no anúncio e na realização da reconciliação entre Deus e uma humanidade marcada pelo pecado. O sacramento da penitência é, por assim dizer, uma concentração dessa missão reconciliadora da Igreja. Não esqueçamos igualmente que, nesse sacramento, não apenas se trata de reencontrar o Deus ofendido pelo pecado, mas também de produzir o encontro dos reconciliados, a tomada de consciência de nossa reconciliação em Cristo, no meio de nossa assembleia eclesial.

2 Cf. 2Cor 5,18-20.

3 Cf. LG 1.

2. A resposta do homem

A palavra que anuncia a reconciliação deve ser acolhida no coração humano, para que possa dar fruto. A resposta do homem é chamada comumente de conversão, quer dizer, de volta. O anúncio do perdão, de que a Igreja é instrumento, tende a provocar essa atitude de conversão, de volta ao Pai ofendido. Não há reconciliação sem a iniciativa de Deus, mas também não há sem a resposta do homem. O sacramento da penitência supõe essencialmente um diálogo. Nenhum dos dois parceiros do diálogo pode ser deixado de lado. Embora atue pelo ministério da Igreja, é o próprio Deus quem perdoa o pecador arrependido. A palavra “conversão” não aparece, é verdade, no cân. 959, que descreve o sacramento, mas no cân. 987 diz-se claramente que o penitente deve “converter-se”. O que queremos significar com essa palavra? Um retorno, um giro sobre nós mesmos, uma mudança de direção, um reencontro do rumo certo.

3. A dimensão comunitária

Do mesmo modo como acontece em relação a outros sacramentos, o cristão não vive isoladamente o seu relacionamento com Deus. Toda a salvação tem uma dimensão comunitária. Igualmente, o sacramento da reconciliação. Não só porque, para o cristão, ela se realiza normalmente pelo ministério da Igreja, mas também porque, em certo sentido, a Igreja toda, através do pecador, faz penitência e confessa os seus pecados. O Concílio Vaticano II afirma que, embora santa, ela precisa sempre de purificação⁴. Daí a importância e a necessidade das celebrações litúrgicas penitenciais.

Com o seu pecado, o pecador não só ofende a Deus e a certas pessoas determinadas, mas também à comunidade eclesial. Se lembrarmos a confissão da nossa fé na “comunhão dos santos”, poderemos facilmente compreender que o pecado, ao afastar da vida da graça um dos membros, limita essa comunhão, abre como que

4 Cf. LG 8.

uma ferida no corpo da Igreja. Daí o duplo aspecto que aparece no citado cân. 959: a reconciliação com Deus e a reconciliação com a Igreja, e — na Igreja — com os irmãos. Uma pastoral autêntica da penitência não pode esquecer nenhum desses aspectos.

Para compreendermos mais plenamente o sentido do sacramento da penitência, vejamos também a essência da ação humana em resposta à iniciativa divina.

Sujeito capaz deste sacramento é todo e qualquer cristão que tiver cometido algum pecado, pelo menos venial, depois do batismo. Mas para a recepção frutuosa, “o fiel deve estar de tal modo disposto que, repudiando os pecados cometidos e tendo o propósito de se emendar, se converta a Deus”⁵.

Se, em todos os sacramentos, é necessária a participação ativa dos fiéis, isso se evidencia muito mais no da penitência, pois a “quase-matéria” dele, ou seja, o elemento sensível que usamos, é constituída pelos atos externos



O Retorno do Filho Pródigo. Séc. XVII. Por Rembrandt, atualmente no Museu Hermitage, em São Petersburgo.

5 Cân. 987.

do penitente, reveladores de suas disposições internas.

Segundo a doutrina do Concílio de Trento⁶, acolhida também nos cânones do Código, os atos fundamentais do penitente, em ordem a receber a absolvição sacramental, são três: contrição, confissão e satisfação. Na contrição, porém, vai incluído necessariamente o propósito da emenda; e, para uma boa confissão, é muito conveniente o exame de consciência. Por isso, os nossos catecismos falam comumente desses cinco atos.

A) A contrição

De acordo com o Concílio de Trento, sessão XIV, a contrição consiste na “dor da alma e na detestação do pecado cometido, com o propósito de não tornar a pecar”⁷. A contrição pode ser de duas classes:

a) *Contrição perfeita*. É aquela que brota de um motivo de caridade perfeita, quer dizer, do amor de Deus como sumo

bem. Não se trata da intensidade do sentimento ou de sua duração, mas do seu motivo intrínseco. De acordo com a terminologia mais recente, poderia ser definida também como renovação da opção fundamental, ou seja, um reorientar toda a vida para o amor de Deus — e, em Deus, para o amor dos irmãos do qual o homem se desviara. Nessa reorientação, como é lógico, há sempre um impulso inicial da graça, pois o homem pecador é incapaz, por si só, de voltar para Deus. Mas, por outra parte, porque, para o cristão, a vida no amor de Deus tem sempre necessariamente uma dimensão comunitária eclesial, é indispensável que, nessa contrição perfeita, vá sempre incluído, ao menos implicitamente, o propósito de confessar-se. Conforme a doutrina da Igreja, proclamada explicitamente no Concílio de Trento⁸, a contrição perfeita, com pro-

pósito de confessar-se, justifica o homem já antes de receber o sacramento da penitência. Nesse caso, a confissão posterior será uma renovação do perdão já obtido e uma visualização de sua dimensão comunitária eclesial.

b) *Contrição imperfeita ou “atrito”*. É aquela que não brota de um motivo de caridade perfeita, mas de outra razão sobrenatural, como o temor de Deus, a malícia do pecado, etc. É necessário, porém, que inclua o propósito de não pecar mais e a esperança do perdão divino. Por não ser uma reorientação total da vida para Deus, não justifica por si só. Mas ela basta para receber o perdão através do sacramento, conforme o velho axioma: “*Ex attrito, fit contritus*”. É função da teologia dogmática explicar como isso é possível. Baste-nos agora indicar que, na prática, é certo o perdão do penitente que se acusa sinceramente, embora manifeste apenas uma contrição imperfeita.

⁶ DS 1704.

⁷ DS 1676.

⁸ DS 1677.

B) O propósito

É a vontade de não tornar a pecar. Encontra-se necessariamente incluído em toda contrição que for autêntica. Por isso, não é necessário que se explicita em relação a todos e cada um dos pecados cometidos. Na realidade, o propósito não precisa ser de não voltar a fazer tal ou qual pecado, mas simplesmente de não pecar, seja do modo que for. Tenha-se presente que um propósito verdadeiro pode coexistir com o medo ou a previsão de novas quedas, devidas à fragilidade humana.

C) A confissão

É a acusação dos pecados, em ordem a receber a absolvição do sacerdote. Segundo a definição do Concílio de Trento⁹, para a remissão dos pecados no sacramento da penitência, é necessário, por direito divino, “confessar todos e cada um dos pecados mortais dos quais, após o devido e diligente exame, se tiver memória, mesmo os ocultos e os que são contra os dois últimos preceitos do Decálogo, assim como

as circunstâncias que mudam a espécie do pecado”. O Código de direito canônico repete essa doutrina no cân. 988 § 1: “O fiel tem a obrigação de confessar; quanto à espécie e ao número, todos os pecados graves de que tiver consciência após diligente exame, cometidos depois do batismo e ainda não diretamente perdoados pelas chaves da Igreja, nem acusados em confissão individual”. Poder-se-ia discutir se a moderna doutrina sobre o pecado mortal, como revogação da opção fundamental, teria como consequência uma modificação na interpretação da doutrina de Trento e dos preceitos canônicos. Não nos corresponde dirimir aqui a questão. Reafirmemos, porém, que, ainda que só fosse por disciplina eclesial, continua em pleno vigor a obrigação de confessar todos os pecados graves, de acordo com o cânon transcrito.

D) O exame de consciência

A rigor, o exame de consciência não pertence nem à essência nem à integridade do sacramento da penitência. Pode, porém, ser necessário, a fim de conseguir

uma confissão íntegra, no sentido que acabamos de explicar, sobretudo quando há muito tempo que o penitente não se confessa. Sem ele, dificilmente conseguirá lembrar corretamente os pecados que devem ser acusados. Por isso, omiti-lo, nesses casos, seria expor a confissão a uma falta de integridade. De acordo com o que afirmamos, no exame de consciência, o penitente procurará detectar “todos os pecados graves... ainda não diretamente perdoados pelas chaves da Igreja, nem acusados em confissão individual”¹⁰.

E) A satisfação ou “penitência”

É uma obra boa imposta pelo confessor. É uma resposta concreta à misericórdia divina que, nos foi dada no sacramento. Algo assim como a rubrica final. Na realidade, nós não “satisfazemos” o mal feito, mas nos unimos à obra redentora de Cristo, que satisfaz por todos nós.

Esse é o grande tesouro do perdão e da misericórdia divina, que deveria ser procurado de modo especial neste Ano da Misericórdia. □

9 DS 1707.

É ATUAL CRER EM DEUS?

Palestra proferida aos professores da PUC-Rio na Abertura do Semestre Letivo do Departamento de Psicologia, por ocasião da celebração dos 50 anos do Programa de Pós-graduação, em março de 2016.

A

resposta a esta pergunta não parece evidente.

Para enfrentar a questão procederemos em duas etapas. Em primeiro lugar traçaremos um breve quadro da situação contemporânea a respeito da questão. Em seguida, tentaremos interpretar os dados e assim responder à indagação. A resposta emergirá do confronto entre os sintomas positivos e negativos.

Quem faz parte da civilização ocidental, numa sociedade considerada como pós-cristã, profundamente secularizada, a questão da existência de Deus parece não suscitar nenhum interesse. Até meados do século

passado, com a acentuação do processo de secularização da cultura, difundiu-se entre as classes superiores, em contraste com a fé tradicional, um ateísmo militante e agressivo. Baste lembrar, entre muitas outras ocorrências, as leis do laicismo francês contra a Igreja e o clero católico e as perseguições aos cristãos nos regimes comunistas. Porque se tratava da contestação da crença religiosa da maioria da população, a questão da existência de Deus estava muito presente na

“Quem faz parte da civilização ocidental, numa sociedade considerada como pós-cristã, profundamente secularizada, a questão da existência de Deus parece não suscitar nenhum interesse.”



Pe. João A. Mac Dowell, S.J.

Doutor em Filosofia. Professor titular da FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte/MG, Ex-Reitor PUC-Rio.

consciência das pessoas e no debate público: ou se era por Deus ou contra Deus.

Hoje, porém, no mundo ocidental, o enfrentamento religioso quase desapareceu. Muitos vivem simplesmente sem Deus. Não têm nada contra Deus. Quer exista ou não, para eles, Deus não é um problema. A referência a ele é um fato cultural que os deixa indiferentes. O avanço da secularização fez a religião perder o monopólio da cosmovisão. Já não é preciso lutar contra Deus. Com a “morte de Deus” anunciada por Nietzsche, a perspectiva transcendente não exerce qualquer influência no sistema social e suas múltiplas dimensões e comportamento. É com o que nos deparamos também no Brasil. A maioria esmagadora da população declara-se cristã e diz que acredita em Deus. Mas, as estruturas da sociedade e a dinâmica de seu funcionamento não decorrem da fé, nem a refletem.

O tipo humano atual já não pode ser caracterizado como

homo religiosus (cf. Mircea Eliade), mas como *homo oeconomicus*. O fator econômico é o determinante não só do status social, mas também das decisões políticas, condicionadas aos interesses do capital financeiro e das empresas transnacionais no contexto do mercado global. Trata-se de assegurar o bemestar material, mediante um alto nível de consumo, a busca constante de novas satisfações. A vida desenrola-se num horizonte de pura imanência, sem qualquer perspectiva de uma existência pós-mortal. Expressões desta postura são as chamadas “Erzatzreligionen”, os substitutivos da religião que divinizam realidades humanas em atitudes e manifestações rituais com seus ídolos e estrelas no campo dos espetáculos e esporte, no culto do corpo e na consagração incondicional a causas políticas e sociais (ecologia, LGBT).

A opção por novos objetivos

Quais seriam as causas da adesão a padrões de vida puramente terrenos nas atitudes da

maioria das pessoas, mesmo das que se consideram religiosas? Tudo indica que no mundo atual Deus se tornou desnecessário. Nas sociedades tradicionais, a fé era uma consolação ante os males e carências da vida. Só Deus podia oferecer um remédio a tantos sofrimentos. Nele, o cristão em particular, depositava a esperança de verdadeira salvação, de uma vida melhor, de felicidade plena em uma existência pós-mortal, simbolizada pelo céu.

Hoje, porém, o progresso tecnológico e econômico gera nas pessoas a confiança na possibilidade de satisfazer neste mundo as suas necessidades físicas e psíquicas. O homem sente-se capaz de resolver os próprios problemas, utilizando-se das forças da natureza para a melhoria das condições de vida própria e de toda a humanidade. Prevalece assim uma visão materialista voltada para a satisfação imediata dos desejos. Não é necessário recorrer a Deus, nem esperar um futuro melhor em outra vida.

Outro fator que contribui

para a invisibilidade de Deus é o anti-intelectualíssimo cético e tolerante. A mentalidade dominante é avessa ao questionamento da orientação de vida que foi assumida. As atitudes diante da existência são assunto pessoal, resultado de opções, que não podem nem devem ser justificadas racionalmente. Não interessa saber qual é a verdade. Cada um vive de acordo com o que corresponde aos seus sentimentos e satisfaz os seus anseios imediatos. Aqueles que creem em Deus não se preocupam em comprovar as próprias convicções nem em refutar as objeções contra a sua existência (fideísmo). Os nãocrentes, por sua vez, não se interessam em discutir ou contestar a posição contrária. Trata-se de um ateísmo tranquilo que não é contra Deus, mas simplesmente o ignora.

A mentalidade científica e positivista é mais um elemento que não favorece a fé em Deus.

Quando o único processo racional admitido é o método das ciências empíricas não há como

ser colocada a questão de Deus. Esta mentalidade modela cada vez mais o pensamento das novas gerações, seja pelo ensino escolar de cunho marcadamente tecnocientífico, seja pelo conteúdo e estilo dos meios modernos de comunicação. Enfatizam o

“A mentalidade dominante é avessa ao questionamento da orientação de vida que foi assumida. As atitudes diante da existência são assunto pessoal, resultado de opções, que não podem nem devem ser justificadas racionalmente.”

sensitivo (imagem, som), os dados empíricos. Alimentam a superficialidade e o pensamento fragmentário, sem lógica.

Um outro lado

No entanto, pode-se afirmar que o desinteresse pelo problema de Deus é apenas aparente.

No final do século XX, a questão de Deus voltou a ocupar um lugar central. Observa-se um renascimento clamoroso da religiosidade. A predição da extinção da religião não se confirmou. Cerca de 84% da população mundial declara-se pertencer a alguma religião.

É indiscutível a autoridade moral de figuras religiosas, como Martin Luther King, o Dalai Lama, João Paulo II, o Papa Francisco. É também evidente o peso crescente dos fundamentalismos religiosos (não só islâmico) no campo político.

É lícito perguntar com Samuel Huntington se os conflitos mundiais do século XXI não seriam determinados através do fator religioso como “choque de civilizações”. Embora se apresentem em nome da religião, não parecem representar uma autêntica atitude religiosa!

O ressurgimento religioso

Quais seriam as causas desse ressurgimento religioso? Dentre

elas pode-se apontar, em primeiro lugar, a decepção com as promessas de solução dos problemas da humanidade pelo desenvolvimento científico e técnico. O mito do progresso contínuo foi desmascarado pelos fatos. As descobertas científicas e invenções tecnológicas, longe de confirmarem as esperanças de um mundo melhor, agravaram a situação de insegurança e miséria pelo mau uso dos novos recursos disponíveis (bombas nucleares, manipulação genética) e, mais ainda, da restrição dos seus benefícios a minorias privilegiadas com aumento das desigualdades econômico-sociais em nível mundial.

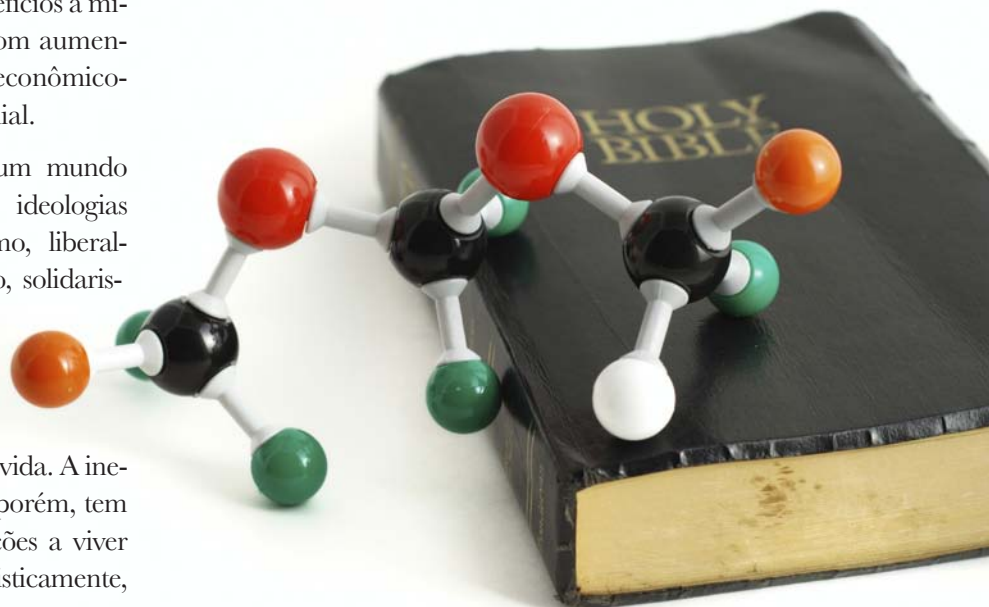
As propostas de um mundo melhor feitas pelas ideologias modernas (cientificismo, liberal-capitalismo, marxismo, solidarismo cristão) ofereceram durante certo tempo um ideal, um substitutivo da religião para o sentido da vida. A ineficácia das propostas, porém, tem levado as novas gerações a viver o presente, individualisticamente,

sem expectativas e sem um engajamento por um futuro melhor. Neste novo contexto, tornaram-se patentes o vazio da existência e a busca de valores que transcendam a banalidade do cotidiano e ofereçam um sentido à existência.

A religiosidade proporciona por um lado, a imagem de um poder que transcende as limitações humanas, e, por outro, provoca uma resposta imediata aos anseios de satisfação afetiva em um mundo, sob muitos aspectos, hostil.

Como explicar essa dualidade?

A nosso ver, o espírito da cultura moderna fundada no antropocentrismo racionalista e, portanto, secularizante, longe de ser suplantado por um novo pensamento e atitude de vida, tende a impregnar cada vez mais a humanidade em dimensões globais. De acordo com esta interpretação, a chamada pós-modernidade não constitui propriamente uma ruptura, mas um estágio mais avançado do processo de



modernização. Com a derrocada dos valores absolutos resta apenas um absoluto: o indivíduo com seus interesses e satisfações.

Ora se o mundo atual se caracteriza como uma fase mais radical do processo de modernização e, portanto, de secularização, como explicar a persistência e, mais ainda, a nova relevância do fenômeno religioso na vida dos indivíduos e da sociedade? Como conciliar o caráter secularizado com a difusão da fé e o vigor das manifestações religiosas atuais?

A resposta envolve duas afirmações complementares. Por um lado, a atitude religiosa e a referência ao divino persistem na sociedade secularizada contemporânea, porque correspondem a uma estrutura fundamental da existência humana. Nenhum contexto cultural, por mais adverso que seja, pode simplesmente anular. Por outro lado, o contexto cultural secularizado constitui um óbice formidável à atitude religiosa como referência a um divino transcen-

dente. Seria como o florescer em um ambiente desértico.

Mesmo assim, prescindindo da validade da fé em Deus, é possível determinar em que consiste a autenticidade dessa atitude diante da vida. A resposta pode ser formulada nos seguintes termos. Trata-se de uma percepção

“Muitos dizem que creem em Deus simplesmente porque foram criados numa família ou num ambiente no qual se professava esta fé, sem nunca terem assumido pessoalmente a sua crença.”

específica do mistério da existência. Nem todos fazem expressamente tal experiência. Mas, quem a faz, compreende que não é o dono de sua existência. Ela lhe é oferecida como um dom.

Esta é uma das alternativas de resposta. Pode ser respondida também numa perspectiva

antropocêntrica, segundo a qual o ser humano e seu mundo têm em si mesmos a sua razão de ser. Nesse caso, a razão é virtualmente capaz de compreender e explicar a realidade no seu todo. Esta autossuficiência leva à perda do senso do mistério.

É importante, porém, distinguir entre a atitude existencial pessoal e as suas afirmações expressas a respeito dessa questão fundamental. Com efeito, alguém pode reconhecer implicitamente sua dependência de algo transcendente e procurar viver à luz dessa realidade, mas, por motivos teóricos ou psicológicos, não ser capaz de reconhecê-lo expressamente, ou, em outras palavras, de afirmar a existência de Deus.

A fé em um Deus

Muitos dizem que creem em Deus simplesmente porque foram criados numa família ou num ambiente no qual se professava esta fé, sem nunca terem assumido pessoalmente a sua crença. Trata-

se de uma fé por convenção social, uma afirmação de caráter superficial, sem consequências práticas. Não é desse tipo de afirmação de Deus que falamos aqui, mas de uma convicção pessoal, sob a forma de um compromisso existencial, baseado em uma experiência peculiar.

Deus não é percebido pelo homem religioso apenas como o valor que preenche as suas aspirações mais profundas e dá sentido à existência. Ele é reconhecido, antes de tudo, como uma grandeza misteriosa que transcende qualquer pergunta ou desejo humano. Este reconhecimento desperta uma atitude gratuita de respeito e admiração, mas, por isso mesmo de encanto e plenificação, atitude, que na linguagem religiosa é designada, em geral, como “adoração”. Quem crê em Deus experimenta a precariedade de sua existência e, ao mesmo tempo, o mistério que a

envolve, requerendo submissão e confiança.

A fenomenologia da religião constata que para o homo religiosus o divino é uma realidade indiscutível. Cabe à reflexão filosófica demonstrar se este divino é projeção ilusória das aspirações do ser humano ou constitui a realidade primeira, que funda a existência do mundo e é a meta de sua busca de verdade e bem.



O ressurgimento religioso das últimas décadas deu-se segundo duas vertentes principais: o fundamentalismo religioso, que se volta para o passado, e os novos movimentos como a New Age, que apontam para o futuro explorando novas potencialidades da mente humana numa perspectiva holística.

Trata-se da resposta à necessidade de segurança existencial, pessoal e coletiva, face ao racionalismo crítico de todos os valores e da busca de novas experiências para compensar a monotonia de novidades rotineiras e sensações passageiras.

Um fundamento comum

O caráter reativo do surto atual de religiosidade pós-moderna indica, que está enredada nos laços da própria modernidade. A dessacralização do mundo, torna problemática uma autêntica experiência do divino no

contexto da cultura atual. A vida social nas suas várias dimensões, saber, trabalho, lazer, política, etc. não oferece apoio, nem muito menos incitamento para a experiência religiosa. As realidades mais significativas, como nascimento, morte, amor, integradas num sistema interpretativo racionalista, carecem de qualquer sentido de mistério. Mais radicalmente, perdem inteiramente o caráter de “meio divino” (expressão de Teilhard de Chardin), i.e., de mediadoras de um encontro com o transcendente.

Trata-se da religiosidade que é possível, enquanto manifestação da abertura essencial do ser humano ao divino, numa sociedade onde o autêntico sagrado já não tem vez. Os próprios sintomas de mudança na atitude religiosa surgem no bojo de um sistema que continua a avançar na linha da imanência do horizonte existencial. São válvulas de escape que, longe de inverter o curso da história atual, contribuem indiretamente para sua confirmação. A verdadeira experiência de fé é absolutamente

gratuita na sua origem divina e na resposta humana.

Longe de encerrar a pessoa na própria subjetividade, ela irrompe espontaneamente na consciência e arranca o ser humano de sua autossuficiência e autossatisfação para lançá-lo no mistério insondável do outro divino. Não

“A vida social nas suas várias dimensões, saber, trabalho, lazer, política, etc. não oferece apoio, nem muito menos incitamento para a experiência religiosa.”

se trata de um “sobrenatural” que satisfaz a curiosidade, mas de algo que transcende todas as expectativas e faz perder o chão familiar da vida quotidiana.

A nova religiosidade, pelo contrário, tende a instrumentalizar o absoluto divino, subordinando-o à satisfação do sentimento religioso e à aspiração de realização e gratificação pessoal.

Enquanto o motivo da autorrealização imanente prevalecer sobre a gratuidade soberana do dom divino e da sua acolhida, não será possível desenvolver uma atitude religiosa autêntica. Em outras palavras: a experiência religiosa genuína é incompatível com o antropocentrismo moderno. No naufrágio generalizado dos valores não resta senão um único sagrado: o próprio “eu”. Tudo mais é instrumento para a realização do indivíduo e da sua felicidade imediata. É lícito perguntar se esta religiosidade egolátrica não constitui de fato um ateísmo disfarçado!

Conclusão

As considerações questionam a interpretação da situação religiosa atual como um “retorno da religião” no sentido de uma inversão do movimento de secularização da sociedade. Todavia, para quem rejeita, como nós, o determinismo histórico, a tendência cultural secularizante não constitui uma fatalidade. Ela pode ser superada por uma nova

abertura da cultura globalizada ao transcendente, uma abertura que pertence, em princípio, à própria condição humana. A secularização não é um fenômeno irreversível. Os fenômenos analisados não permitem afirmar que a humanidade esteja encetando uma fase cultural nova e mais positiva do ponto de vista religioso.

É um processo ainda em curso, que afeta em graus diversos as diferentes sociedades. Elas no seu conjunto, e a brasileira, em particular, não estão plenamente secularizadas. Não se exclui, portanto, que indivíduos isolados ou em comunidades possam fazer uma verdadeira experiência religiosa, escapando aos tentáculos numa atitude contracultural. Ela não implica necessariamente a fuga da civilização e um refúgio na natureza com a adoção de estilos de vida pré-tecnológicos. Exige certamente uma resistência árdua ao espírito da modernidade e aos seus antivalores.

Nesta perspectiva, retomamos à pergunta inicial: é atual crer em Deus? À luz do que foi

explanado, a resposta é clara, ainda que diferenciada.

A religiosidade vigente nas suas formas especificamente pós-modernas não corresponde a uma autêntica fé em Deus. Sob esse aspecto, portanto, crer em Deus não é atual.

A verdadeira fé, enquanto incompatível com a tendência religiosa contemporânea, também nesse sentido, não é atual.

Entretanto, a encarnação do ser humano na história e nas culturas não é absoluta. O espírito humano na sua abertura para o todo é capaz de transcender, avaliar e criticar as manifestações da sua cultura. Por isso, crer é uma resposta à manifestação de Deus numa experiência pessoal, que supera os condicionamentos da mentalidade moderna. Corresponde ao que há de mais fundamental e permanente no espírito humano. É uma resposta ao apelo, que ressoa no mais íntimo de nosso ser: o apelo a contribuir para libertar o mundo dos impasses da modernidade, dando testemunho da Verdade. □

Deus

Eu me lembro! eu me lembro!

- Era pequeno

E brincava na praia; o mar bramava

E, erguendo o dorso altivo, sacudia

A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe nesse momento:

“Que dura orquestra!

Que furor insano!

“Que pode haver maior do que o oceano,

“Ou que seja mais forte do que o vento?” -

Minha mãe a sorrir olhou p’rós céus

E respondeu:

- “Um Ser que nós não vemos

“É maior do que o mar que nós tememos,

*“Mais forte que o tufão!
meu filho, é - Deus!”*

Casimiro de Abreu

DEZ DESTAQUES AMBIENTAIS NO BRASIL

Palestra feita na Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão, em fevereiro de 2016.

Apresentado como uma das fortes economias emergentes, o Brasil já é uma potência ambiental no cenário internacional. Porém persiste uma absurda e injustificada vitimização do País e de sua agricultura no tema ambiental, cultivada aqui e no exterior. Dez destaques ambientais relevantes ilustram com fatos e números a posição excepcional do Brasil.

1. O Brasil tem a maior área protegida do mundo

O Brasil é o país com mais áreas protegidas em todo o mundo: 2,4 milhões de quilômetros quadrados, 28% do seu

território. Em segundo lugar vem a China, com 1,6 milhões de quilômetros quadrados de áreas protegidas, 17% de seu território. Em terceiro lugar está a Rússia, o maior país do mundo, com 1,4 milhões de quilômetros quadrados, cerca de 8% do seu território. Em quarto lugar vêm os Estados Unidos da América, com 1,2 milhões de quilômetros quadrados, 12% de seu território, e em quinto a Austrália, com 730 mil quilômetros quadrados, 9% de sua extensão. A média mundial

“Apresentado como uma das fortes economias emergentes, o Brasil já é uma potência ambiental no cenário internacional.”

Evaristo Eduardo de Miranda

Agrônomo, tem Mestrado e Doutorado em Ecologia pela Universidade de Montpellier, França. Pesquisador da Embrapa, atualmente é o coordenador do Grupo de Inteligência Territorial Estratégica - GITE da EMBRAPA.





Vista aérea de uma região da Amazônia próxima a Manaus.

Fonte: Por Neil Palmer/CIAT - Flickr, CC BY-SA 2.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=28393993>

de áreas protegidas é 12,2%, segundo a IUCN – International Union for Conservation of Nature (<http://www.iucn.org/>).

Muitas das áreas protegidas desses países estão em desertos, montanhas íngremes, regiões polares etc. No Brasil, as áreas protegidas ocupam, em geral, terras com grande potencial de uso, de onde decorre parte da dificuldade de preservação.

Na maioria dos países – sobretudo os industrializados – os parques nacionais admitem pre-

sença de agricultura, pecuária, vilarejos, turismo etc. No Brasil, as unidades de conservação de proteção integral (443 mil km²), na imensa maioria, não admitem nem visitantes.

A ONU considera o País como líder na criação de áreas protegidas: dos mais de 700.000 km² de áreas protegidas criadas nos últimos sete anos em todo o mundo, 75% foram no Brasil! (<http://www.brasil.gov.br/cop10/>). As áreas protegidas já cobrem 54% da floresta amazônica brasileira.

2 O Brasil é um dos países que mais conservou suas florestas

Os desmatamentos erradicaram mais de 75% da área florestal do planeta e restam hoje menos de 15,5 milhões de km². A Europa, sem a Rússia, detinha mais de 7% das florestas do Planeta e hoje tem apenas 0,1%. A África possuía quase 11% e agora 3,4%. A Ásia já deteve quase um quarto das florestas mundiais (23,6%), hoje possui 5,5% e segue desmatando. No sentido inverso, a América do Sul, que

detinha 18,2% das florestas, agora detém 41,4% e o grande responsável por esse remanescente é o Brasil, que preserva ainda 69% de sua vegetação natural. O Brasil possuía 9,8% das florestas originais do Planeta e, no prazo de dois séculos, devido aos desmatamentos realizados em todo o mundo, passou a deter 28,3%!

Se o desflorestamento mundial prosseguir no ritmo atual, o Brasil – por ser um dos que menos desmatou – poderá ser responsável, no futuro, por quase metade das florestas primárias do planeta. Ao invés de ser reconhecido pelo seu histórico de manutenção da cobertura florestal, o País é severamente criticado pelos campeões históricos do desmatamento (<http://www.desmatamento.cnpq.embrapa.br/>).

“Se o desflorestamento mundial prosseguir no ritmo atual, o Brasil – por ser um dos que menos desmatou – poderá ser responsável, no futuro, por quase metade das florestas primárias do planeta.”

3 O Brasil é o único país a exigir que agricultores mantenham de 20 a 80% de suas propriedades com floresta nativa intocada

O Código Florestal Brasileiro estabelece que de 20 a 80% da propriedade rural, em função do bioma onde se localiza, deva ser mantido com a cobertura vegetal nativa a título de Reserva Legal (Art. 1 § 2 – III). Essa “*área localizada no interior de uma propriedade ou posse rural, excetuada a de preservação permanente*” é considerada “*necessária ao uso sustentável dos recursos naturais, à conservação e reabilitação dos processos ecológicos, à conservação da biodiversidade e ao abrigo e proteção de fauna e flora nativas*” (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4771.htm).

A lei também proíbe o uso de áreas consideradas de preservação permanente – APPs, associadas à hidrografia e ao relevo. No Censo do IBGE de 2006, os agricultores mantinham em suas propriedades 858 mil km² de florestas (10% do território nacional), dos quais destinavam mais de 500 mil km² à RL e APPs. Para cumprir a lei, esse número deverá crescer e o total de áreas legalmente protegidas do Brasil se ultrapassará 60% do território nacional, um caso único em todo o planeta.

4 O Brasil é líder no uso de energia renovável

O País tem uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo. Segundo os dados do Balanço Energético Nacional – BEN de 2010 – Ano-Base 2009, 47,3% da energia brasileira provém de fontes renováveis (cana de açúcar, hidroelétricas, lenha e carvão e outros renováveis) contra uma média mundial de 18,6%. A média do uso de



energia renovável pelos países da OCDE é de apenas 7,2% (<http://ben.epe.gov.br/>).

5. A agricultura brasileira produz quase o terço da energia do Brasil

Além de ser grande produtora de alimentos e fibras, a agricultura garante 30,5% da matriz energética do Brasil, o equivalente de 68,3 milhões de toneladas equivalentes de petróleo (TEP). A cana de açúcar (etanol, cogeração de energia elétrica e outros) garante 18,3%

da energia do Brasil e há anos ultrapassou a contribuição das hidroelétricas (15,2%). As florestas energéticas (lenha e carvão) garantem 10,3% da matriz.

Graças ao seu desenvolvimento tecnológico, a agricultura consome apenas 4,5% de energia fóssil na matriz ou algo equivalente 9,1M de TEP para produzir toda essa agroenergia (<http://ben.epe.gov.br/>). Só a técnica do plantio direto – que eliminou a aração em mais de 266 mil km² de produção de grãos – reduziu em 40% o consumo de diesel (<http://www.febrapdp.org.br/>).

6. O Brasil pouco contribui para o efeito estufa pela emissão de CO₂

O mundo emitiu 31,5 bilhões de toneladas de CO₂ de origem fóssil em 2008. A China respondeu por 21% das emissões mundiais (6,5 bilhões de toneladas), seguida pelos EUA (19%), Rússia (5,5%), Índia (4,8%) e Japão (3,9%). Esses cinco países somam 53,4% das emissões planetárias. A China aumentou sua emissão em um bilhão de toneladas de 2005 a 2008!

O Brasil, com 428 milhões de

toneladas anuais, ficou em 17º lugar (1,4%), bem atrás da Alemanha, Canadá, Inglaterra, Irã, Itália, África do Sul, Austrália, México, Indonésia e outros, segundo dados da Energy Information Administration (<http://tonto.eia.doe.gov/>).

7 O Brasil está entre os que menos emitem CO₂ por habitante/ano

A Austrália e os Estados Unidos são líderes da emissão de CO₂ por habitante/ano: 20,3 e 19,9 toneladas! Só perdem para alguns países produtores de petróleo como Qatar (74 t) ou Emirados Árabes (43 t). Em seguida vêm o Canadá (17,9 t), a Holanda (17 t), a Estônia (16 t), a Bélgica (14,9 t) e a Rússia (11,7t). Com 17 t, a Holanda é uma das campeãs europeias das emissões por habitante.

Cada brasileiro emite 2,1 toneladas de CO₂ por ano, dez vezes menos do que australianos e norte-americanos, quatro vezes menos do que os europeus e metade da média mundial. Neste ranking, ocupamos a posição de 86º no mundo (<http://tonto.eia.doe.gov/>).

8 O Brasil é líder mundial em economia de baixo carbono

O quociente entre o total de CO₂ emitido e o Produto Interno Bruto (PIB) dá uma medida da eficiência energética e ambiental das economias nacionais na geração de riquezas. Dada a variação da cotação do dólar entre países, o PIB foi calculado em função do poder de compra das moedas nacionais, o Purchasing Power Parities (PPP).

Os campeões de emissões de CO₂ para gerar riquezas (os menos eficientes) são Coréia do Sul (1,45), África do Sul (1,38), Cuba (1,34) e Ucrânia (1,2). O Brasil, com um quociente de 0,24, é mais eficiente do que uma centena de países no mundo: ocupa a posição de 104º.

9 O Brasil reduziu em 80% o desmatamento da Amazônia

Entre agosto de 2009 e julho de 2010, a Amazônia perdeu 6,45 mil quilômetros quadrados de floresta, o menor patamar em 22 anos. É a menor taxa anual de desmate registrada pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, desde o início do levantamento, em 1988 (<http://www.obt.inpe.br/prodes/>). Com a taxa anual de 6 mil quilômetros quadrados, o Brasil se aproxima da meta de reduzir o desmatamento da Amazônia em 80% até 2020. Pelo cronograma, assumido em compromisso internacional, o país chegaria a uma taxa anual de 3,5 mil quilômetros quadrados de desmate. O governo cogita an-

“Com a taxa anual de 6 mil quilômetros quadrados, o Brasil se aproxima da meta de reduzir o desmatamento da Amazônia em 80% até 2020. Pelo cronograma, assumido em compromisso internacional, o país chegaria a uma taxa anual de 3,5 mil quilômetros quadrados de desmate.”



tecipar a meta para 2016 (http://www.casacivil.gov.br/arquivos/pasta.2010-08-02.3288787907/ppcdam_Parte3.pdf).

10 • O Brasil é campeão de reciclagem

O Brasil lidera mundialmente, pelo sétimo ano consecutivo, a reciclagem de latas de alumínio, com um percentual de 96,5% do total comercializado no mercado interno em 2007. Foram recicladas 160,6 mil toneladas de sucata de latas, o que corresponde a 11,9 bilhões de unidades ou 1,4 milhão por hora. Trata-se do maior resultado registrado pelo índice, desde 1990. O segundo colocado no ranking é o Japão, com 92,7% de reciclagem (que, lá, é obrigatória por lei) (<http://www.cempre.org.br/>).

Em 2009, o Brasil foi o 9º produtor mundial de papel, com quase 10 milhões de toneladas. Cerca de 50% do papel consumido no Brasil é reciclado. Mais de 80% do volume de papel ondulado consumido em 2009 (65% das aparas)

foi reciclado, contra 68,2% em 1992. O índice só não é maior porque o Brasil aumentou muito suas exportações de produtos industrializados. Carne, frango, frutas, calçados e móveis entre outros, embalados em papelão ondulado, geraram reciclagem no exterior. A reciclagem de papéis de escritório (revistas, folhetos, papéis de carta, papel branco etc.) ultrapassa 40%. Essa reciclagem reduz o consumo de energia e água, e induz um menor corte de árvores (<http://www.bracelpa.org.br/>).

EUA lideram a perda de florestas no mundo

Em artigo de 2010 nos Proceedings da National Academy of Sciences sobre o desmatamento, os EUA aparecem como quem mais desmatou suas florestas em todo o mundo, entre 2000 e 2005: 6% de suas florestas. O Canadá ficou em segundo lugar com 5,2% e o Brasil em terceiro com 3,6%. Em termos absolutos, o Brasil ficou em primeiro com a perda de 165.000 km² de florestas, seguido de perto

pelo Canadá com 160.000 km². Os EUA ficaram em terceiro com 120.000 km², segundo os dados do Colégio de Ciências Ambientais e Florestais da Universidade de Nova Iorque (<http://www.pnas.org/content/early/2010/04/07/0912668107>).

O excepcional desempenho energético e ambiental do Brasil e de sua agricultura não é uma licença para agir de forma irresponsável, mas em matéria de sustentabilidade existe uma injustificável vitimização do País. □

Publicado em:

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. Dez Destaques Ambientais do Brasil. EcoRio, v. 173, p. 16-18, 2011.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. Dez destaques Ambientais do Brasil. Agro DBO, v. 30, p. 14-16, 2011.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. Dez Destaques Ambientais do Brasil. Diário dos Açores, Açores – Portugal, p. 09 – 09, 30 ago. 2011.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. Dez Destaques Ambientais do Brasil. ARPOSOJA, 18 jul. 2011.

SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO NO VIVER ACADÊMICO

Como funciona a governança institucional? Como promover a academia docente? Estas e outras perguntas ocorreram em palestras e oficinas que realizei recentemente na FEI.

Vamos respondê-las juntos? Faço este convite para que consigamos promovê-las e aprimorá-las. Fico na torcida para construirmos estes momentos de interação a fim de alcançar o desenvolvimento humano de todos os envolvidos. Vamos em frente!

O presente texto sugere breves fundamentos a essas respostas; a fim de contribuir às nossas oportunas conversas.

Sobre a governança institucional e suas linhas de atuação

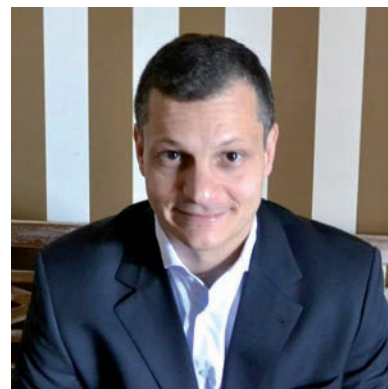
A governança caracteriza-se por suas ações de liderança, procedimentos e regulação. Quando criada como área em uma instituição acadêmica pode demandar as funções de análise, coordenação, gerência e direção. Costumeiramente, ela está posicionada ao lado das também áreas irmãs: administração e gestão de pessoas.

Com o olhar ao viver institucional a governança visa a: cooperação, comunicação e articulação, entre linhas de atuação

Prof. Leandro Alves da Silva

Matemático pela UMESP, Mestre em Engenharia da Computação pelo IPT/SP e Doutor em Educação pela FEUSP, Professor e Pesquisador no Centro Universitário FEI.

“A governança caracteriza-se por suas ações de liderança, procedimentos e regulação. Quando criada como área em uma instituição acadêmica pode demandar as funções de análise, coordenação, gerência e direção.”





que contribuem aos movimentos e às mudanças institucionais; como também, pode alcançar a prestação pública de contas.

Seguem algumas dessas linhas que recebem diretrizes vindas da governança institucional:

Academia docente

Ela disponibiliza espaços à reflexão e interação para que a comunidade acadêmica desenvolva e compartilhe soluções e experiências - pedagógicas e administrativas. Essas podem ser publicadas - interna e externamente - e podem alertar às necessidades de novas competências e habilidades.

Programa de capacitação interna

A permanente evolução das práticas de ensino junto à pessoa-aluno e às tecnologias da informação e comunicação lançam um olhar permanente à: pessoa-professor e gestão institucional. Nessa direção, esse

programa visa um continuum de capacitação ao viver acadêmico.

Programa de progressão profissional à área pedagógica

Os papéis pedagógicos podem tomar contato com os caminhos à progressão profissional por meio de pontuações acadêmicas e avaliações de indicadores de qualidade. Esses estão conciliados às práticas de gestão que compartilham valores como: reconhecimento, acolhimento e engajamento.

Qualidade de vida no viver institucional

A universidade tem também como fim o desenvolvimento humano de todos que ali convivem. Uma conquista nesta direção pode ser vista quando um professor – mesmo que cansado – traz um sorriso no rosto com a frase: “A aula foi linda!”. Outro resultado neste sentido ocorre quando um funcionário da limpeza recebe um elogio vindo do aluno: “O banheiro está muito limpo! Obrigada!”.

A qualidade de vida no viver acadêmico promove mediações e medições tangíveis para que a pessoalidade se faça presente.

Gestão da qualidade às metodologias e processos: pedagógicos e administrativos

Recentemente, recebi – durante uma assembleia institucional – um pedido vindo de um aluno: “Seria possível acompanhar 100% da vida acadêmica por meio da Internet?”. Acredito que esta resposta precise de releituras aos processos/metodologias acadêmicas. Para tanto, há boas práticas e princípios vindos da gestão da qualidade que contribuem ao atendimento das necessidades e expectativas em relação aos serviços e produtos oferecidos.

Avaliação institucional

O que é como medir? O que e como avaliar? Estas respostas devem ocorrer ao lado da sensibilidade, capacidade de entrega e priorização que a instituição

de ensino possui. O reconhecimento e o feedback sobre aquilo que foi questionado: movimenta grande parte de um conjunto de ações positivas que a comunidade acadêmica pode desencadear.

Ouvidoria

Dentro do viver institucional, o ouvidor é um papel que exerce funções: pedagógicas, técnicas e administrativas. Respectivamente, são exemplos das ações realizadas:

- Atender, organizar e categorizar aquilo que vem da comunidade (ex. famílias e sociedade);
- Conciliar e articular as comunicações/os discursos entre departamentos;
- Analisar viabilidades, mapear e desenvolver a governança interna.

Sobre a academia docente

A decisão por criar uma academia docente parte da direção pedagógica. Trata-se de uma diretriz estratégica à disponi-

bilização de espaços e recursos ao professor, com a motivação de que ele permaneça em constante desenvolvimento: pessoal, acadêmico e profissional.

Ela está ao lado de um programa de capacitação que ocor-

“A decisão por criar uma academia docente parte da direção pedagógica. Trata-se de uma diretriz estratégica à disponibilização de espaços e recursos ao professor, com a motivação de que ele permaneça em constante desenvolvimento”: pessoal, acadêmico e profissional.”

re continuamente durante o ano letivo. Por meio deste, o professor recebe as boas novas vindas das mais diversas áreas do conhecimento: há oficinas, palestras, viagens programadas e outros formatos capazes de propiciar vivências e aprendizados.

Essa academia é orientada à pessoa-professor. Esta indissociabilidade é acolhida durante as leituras/releituras humanizadas do ambiente institucional. Inicialmente, ela é fundamentada em três pilares:

1. Investigação

O professor é convidado a colocar-se como crítico e investigador das práticas de ensino e condutas profissionais que utiliza. Nesta direção, ele poderá construir relações que promovem/amplificam: o processo de ensino-aprendizagem e a sua progressão profissional.

2. Autoformação

A participação nos programas de capacitação, as vivências em eventos acadêmicos fora da instituição de ensino e o constante aprendizado em viagens que realiza: são características dos professores que escolhem a autoformação. Este pilar

convida o docente a desenvolver/ampliar o olhar: para si, para o outro e ao viver institucional.

3. *Interação*

Neste pilar o professor é convidado a exercitar as ações: comunicar, mediar, colaborar e cooperar com o outro e com o viver acadêmico; bem como, a participar da constante releitura dos papéis docentes.

Objetivos

- Identificar e solucionar os desafios presentes na relação professor-aluno que possam ser compartilhados e solucionados em conjunto com os pares;
- Divulgar crenças/valores com a intenção de que os docentes contribuam em conjunto: à identidade, à missão e ao legado universitário;
- Aproximar o professor da gestão acadêmica;



- Promover e exercitar as contribuições e os relacionamentos entre os colaboradores da área pedagógica;
- Debater sobre as integrações e utilizações das tecnologias da informação e comunicação;
- Contribuir à melhoria contínua da proposta pedagógica.

Metodologia

O desenvolvimento da academia docente é feito junto ao departamento de recursos hu-

manos. Isto ocorre para que sejam definidos: espaços, recursos operacionais e possibilidade de fomento àqueles que participam. Em um primeiro momento, ela está aberta à área pedagógica.

Essas definições são levadas à comunidade acadêmica por meio da construção e manutenção de um programa de comunicação interna; em conjunto, há também as divulgações: dos objetivos pretendidos, da periodicidade e duração dos encontros.

Cada unidade de ensino é convidada a indicar professores-líderes. Eles organizam, alinham e compartilham cronogramas de atividades; estas podem assumir diversos formatos - por exemplo: oficinas, palestras e treinamentos – com a motivação de promover: debates, reflexões e situações problema.

Os professores-líderes também apresentam os resultados alcançados até as datas estabelecidas. Interessante perceber que eles podem vir acompanhados de boas práticas metodológicas à comunidade acadêmica; que caso haja interesse poderão ser publicadas em revistas indexadas.

Há também na academia docente o papel do professor-coach. Ele possui as funções:

- Administrar/coordenar os encontros presenciais e virtuais;
- Elaborar e divulgar a agenda daquilo que é desenvolvido;
- Mediar os centros de interesse trazidos pelos professores-líderes;

- Receber e conduzir as contribuições vindas dos professores;
- Viabilizar e promover soluções sistêmicas e integradas;
- Divulgar conteúdos, ferramentas e estratégias que facilitem a comunicação entre os envolvidos.

“*Esses desenvolvimentos visam os aprimoramentos pessoais, profissionais e institucionais. Apontam àquilo que considera-se como práticas de excelência da gestão humana no viver acadêmico.*”

Reforço aqui o convite para que nos encontremos em breve e que consigamos colocar em prática essas e outras perguntas que – certamente – colaborarão às reflexões e mudanças que nos alcançam com cada vez maior frequência.

Concluo com a crença no potencial que uma instituição

como a FEI possui para construir, oferecer e manter as relações humanas com vistas aos desenvolvimentos dos papéis: docentes, discentes e da gestão acadêmica.

Esses desenvolvimentos visam os aprimoramentos pessoais, profissionais e institucionais. Apontam àquilo que considera-se como práticas de excelência da gestão humana no viver acadêmico.

Sugiro como respectivos exercícios dessas práticas:

- Prover a capacitação de um corpo docente qualificado e composto por diversas faixas etárias;
- Disponibilizar espaços para debates sobre os desafios tecnológicos presentes em cada departamento e entre eles;
- Conciliar a abertura internacional às práticas educacionais;
- Trazer constantemente as expectativas dos discentes. □



CONGRESSO DE INOVAÇÃO 2016 MEGATENDÊNCIAS 2050 INOVAÇÕES E INTERNET DAS COISAS

De 10 a 14 de outubro, o *campus* de São Bernardo teve seus espaços, auditórios e salas de aulas ocupados pelos alunos, professores e convidados para participarem do Congresso de Inovação.

Sua temática estava voltada para os grandes desafios do futuro: como deverá ser o mundo em 2050? Como formar a juventude

de atual para ser protagonista do que está por acontecer?

O Congresso teve a organização confiada à Vice-Reitoria de Extensão e Atividades Comunitárias, sob a responsabilidade da Profa. Rivana Marino, com apoio da Presidência, da qualificada assessoria do Dr. Ingo Ploger, de outros membros do Con-

selho de Curadores da Fundação e de Departamentos da FEI.

Participaram dos painéis e fórum de debates mais de 30 executivos de instituições oficiais, empresas nacionais, multinacionais, jornalistas e profissionais especializados, que discorreram sobre temas específicos, enriquecidos pelas perguntas formuladas pelos participantes.



MEGATENDÊNCIAS 2050

Saudação do Reitor na abertura do Congresso de Inovação 2016 realizado na FEI. São Bernardo do Campo, 10 de outubro de 2016.

Prezados docentes,

Caros alunos,

É para vocês que organizamos este evento buscando discutir os grandes desafios do futuro: Megatendências 2050 – Inovações e Internet das Coisas.

“Atualmente, quando imaginamos uma máquina para realizar qualquer tarefa humana,

podemos ter a certeza de que, se esta máquina autônoma ainda não existir, há pelo menos uma boa chance de que alguém, em algum laboratório ou em alguma oficina qualquer, está trabalhando em cima da versão 0.1. Tenho absoluta certeza de que, ao longo dos últimos três anos, cada um de nós já visitou muitos desses inovadores em suas

estranhas oficinas, e ficamos impressionados com as instigantes tecnologias, aí desenvolvidas”. Assim iniciam Erik Brynjolfsson (Diretor do Laboratório de Economia Digital do MIT) e Andrew McFee (um dos grandes pensadores da atualidade sobre o impacto das novas tecnologias no mundo) seu livro *The Second Machine Age* (2014).



Ao avaliar este cenário, estou convencido de que estamos vivenciando um ponto de inflexão e que nos encontramos nas fases iniciais de uma mudança tão profunda como aquela provocada pela Revolução Industrial. Percebemos o quanto a maioria das invenções ainda estão muito à frente do que presenciamos hoje. Iludiu-se e ilude-se, violentamente, quem achou, e ainda acha, que nos aproximávamos do limite das ideias inovadoras e das tecnologias disruptivas.

“Nos próximos 24 meses, o planeta irá agregar mais potência computacional do que o fez em toda sua história. Nos próxi-

mos 24 anos, este incremento se multiplicará milhares de vezes. Nós já digitalizamos exabytes (EB = 1 seguidos de 18 zeros) de informação, mas a quantidade de informação ainda a ser digitalizada neste período cresce mais rápido que a Lei de Moore”, afirmam Erik e Andrew na citada obra.

Creio que todos têm uma ideia do que isto significa: em 1965, quando não havia nenhuma previsão real sobre o futuro do hardware, o então presidente da Intel, Gordon E. Moore, fez sua profecia com relação ao futuro, afirmando que o número de transistores dos chips te-

ria um aumento de 100%, com o mesmo custo, a cada período de 18 meses. Podemos agora entender o absoluto significado da afirmação anterior!

Segundo a empresa de gestão de negócios Business Intelligence até 2020 existirão mais 34 bilhões de dispositivos – PCs, tablets, ipads, smartphones, smart-TVs, em todo o mundo – conectados à internet.

“Nossa geração provavelmente terá a sorte de experimentar dois dos maiores eventos da história do planeta: a criação da verdadeira máquina inteligente e a conexão de todos os

seres humanos por meio da rede digital comum – uma impensável transformação da economia mundial”, ainda segundo os mesmos autores.

Todos nós, estudantes, professores, pesquisadores, cientistas, empresários, líderes, curiosos, teremos a oportunidade de presenciar muitas destas tecnologias que são, e serão, capazes de nos surpreender, de nos indignar, e de nos provocar cada vez mais, impulsionando-nos a repensar nossos conceitos e a repensar o nosso papel nessa economia digital e criativa.

Dizia Sir Arthur Clarke, renomado escritor de obras de divulgação e ficção científica, que viveu até 2008: “a tecnologia, à medida que avança, torna-se indistinguível da mágica”. Compreender este universo mágico da internet “de tudo”, da Inteligência Artificial, da comunicação entre máquinas, da conectividade em massa e da realidade virtual, e sobretudo da eficiência da interação humano-máquina consiste nosso grande desafio, se

quisermos um desenvolvimento sustentável. Tenho certeza que todas estas questões permearão as mesas de discussão programadas para essa semana. E ao tangenciar os novos conceitos, estaremos, em menor ou maior grau, gradativamente, desvendando esse mistério e redescobrimo do papel do homem – nosso papel – neste mundo, ainda para a grande maioria, mágico.

O escritor Kevin Kelly, fundador e diretor executivo da Revista Wired, em seu último livro, lançado em 2016 e batizado com o provocador título de Inevitável, lista 12 forças tecnológicas que, na sua opinião, irão definir nosso futuro, e entre elas, destaca a “cognificação”, que o autor descreve como a capacidade tecnológica de adicionar inteligência artificial aos objetos do cotidiano. As máquinas cotidianas foram sendo progressivamente reinventadas nas versões “elétricas”, mas o argumento de Kelly, neste trabalho, é que “não há nada que não possa se tornar novo, diferente

ou mais valioso com a adição de inteligência artificial”.

Escreveu Ronaldo Lemos, pesquisador e representante do Media Lab no Brasil, na Folha de São Paulo, junho passado, ao fazer uma avaliação da referida obra: “Essa possibilidade irá gerar uma explosão de oportunidades para novas empresas (“start-ups”), com um modelo de negócios bastante objetivo: pegue um objeto X e cognifique-o, isto é, desenvolva a forma como ele pode ser aperfeiçoado ao adicionar inteligência artificial. Faz sentido. A visão de Kevin Kelly indica que caminhamos para nos tornar um amálgama entre natureza, máquina e humanidade. Uma espécie de ‘harmonia mutuamente programável’. Para mim essa é a melhor definição de IOT no futuro, cujos impactos já são sentidos, de uma forma um pouco menos complexa, eu diria, nos dias atuais”.

Tenho a certeza de que tais avanços tecnológicos são inevitáveis e irreversíveis, porém não



podemos ser ingênuos e imaginar que tudo é mar de rosas: se por um lado a digitalização das “coisas”, quando estas são convertidas em bits, permite seu armazenamento em computadores e sua rápida disseminação pela rede mundial, alcançando pontos do planeta nunca antes imaginados, redesenhando as propriedades destas e criando novos padrões de comunicação entre coisas, máquinas e pessoas, favorece a liberdade pelo conhecimento e a abundância da sociedade; por outro, a digitalização vem acompanhada de desafios “espinhosos”: a ruptura econômica prevalecerá

sobre a ruptura social e ambiental, principalmente pelo fato de que, quanto mais avançados os computadores, menor será a necessidade de alguns postos de trabalho nas empresas. Assim conclui também Erik Brynjolfsson: “O cenário é este: nunca se observou um período tão oportuno para os profissionais com habilidades especiais e qualificação para saber dominar a tecnologia e agregar valor; e ao mesmo tempo, nunca se observou um período tão adverso aos profissionais com apenas habilidades ordinárias restritas e não compatíveis às exigências das novas tecnologias”.

Para se ter a precisa ideia do que falo, na Alemanha de 2025, uma das gigantes do universo digital em linhas de produção, segundo relatório da Boston Consulting Group, 610 mil postos de trabalho na montagem e produção serão eliminados, porém novos 960 mil postos serão criados, prioritariamente, nas áreas de TI e Ciência de Dados – Big Data.

Nesse sentido, endosso a posição de Kelly: “Um olhar vigilante sobre as mudanças digitais funciona muito melhor do que lutar contra elas. Desse modo, podemos trabalhar com a sua natureza. A informação

digital em massa veio para ficar. A realidade virtual está se tornando real. Não podemos impedir que as inteligências artificiais e robôs se aperfeiçoem, criando novos negócios. Devemos abraçar a recombinação inteligente e permanente das tecnologias. (...) Não me refiro a não se envolver neste negócio; pelo contrário, temos que ser administradores dessas invenções emergentes, de modo a prevenir danos à sociedade. Precisamos domá-las em suas particularidades. E apenas faremos isto a partir do profundo envolvimento, da compreensão dos fenômenos e da aceitação vigilante das novas tendências”.

Computadores e outros equipamentos digitais estão permitindo a compreensão e a remodelagem de nossos ambientes, reorganizando a nossa capacidade mental de forma tão intensa, quanto o foi a máquina a vapor e seus produtos para a nossa capacidade muscular, e a eletricidade para a qualificação e o volume

da produção. São estes que nos permitem eliminar as limitações e superar os obstáculos do passado, incentivando-nos a desbravar novos territórios. Não podemos deixar passar o bonde dessa história. Conhecer os cenários que envolvem esta realidade e nos adiantar às tendências do futuro deve ser o nosso papel enquanto profissionais, e nossa missão enquanto formadores e líderes dessa nova geração de administradores, de engenheiros e profissionais da computação e da informação.

Esta é a proposta deste congresso, ousado e inovador em si, pela quantidade e qualidade dos executivos e pensadores que desfilarão pelos nossos auditórios – aos quais, em nome de toda a comunidade feiana, gostaria de registrar os nossos mais sinceros agradecimentos pela disponibilidade em meio a agendas complexas. Mas estou certo de que esse relacionamento com a academia e o diálogo com nossos estudantes,

profissionais do amanhã, terão um impacto ímpar na formação empreendedora desses jovens e na criação de importantes pontes entre a universidade e as empresas. Queremos tornar esses encontros com lideranças uma iniciativa permanente, potencializando ainda mais o diálogo de nossos alunos, e futuros inovadores, com o mercado e suas tendências. Por isso, anuncio que a segunda edição de nosso Congresso de Inovação já tem data marcada: dias 9, 10 e 11 de outubro de 2017.

Essa iniciativa vem no bojo de um projeto amplo de Inovação FEI, orientado por comissão composta por acadêmicos do Centro Universitário, por membros da Diretoria da Fundação Mantenedora, e por lideranças e executivos com grande experiência em inovação – grande parte dos quais serão debatedores em nosso evento.

O projeto a que me refiro contempla a reestruturação curricular de nossos cursos de



graduação, fortalecendo a articulação da teoria e da prática por meio de metodologias e atividades de aprendizagem ativas, atividades integradoras de formação para a gestão de inovação, pautadas nos passos da criatividade e empreendedorismo, e a elaboração de um programa de capacitação e experimentação de docentes e colaboradores administrativos em ambientes de inovação. Ações em construção e que serão implantadas a partir de 2017.

Por fim, ao desejar a todos um evento participativo e produtivo, pois esta é sua proposta

ao pautar em diversas mesas redondas e espaços privilegiados de diálogos com as lideranças, informo que os principais insights e conclusões deverão ser compilados e registrados em publicação especial do evento, para que estes possam alcançar e subsidiar outros fóruns de discussão sobre o tema. E reitero que todas as atividades desenvolvidas neste auditório principal serão transmitidas ao vivo pela internet, por meio de link em nossa homepage e pelo site do Congresso (PROJETAR).

Concluo com um pensamento de Antoine Saint-Exupéry, es-

critor, ilustrador e piloto francês, que viveu na primeira metade do século passado. É claro que o contexto no qual as palavras foram expressas é bastante diferente dos cenários contemporâneos aqui apresentados, mas sua essência mantém-se, significativamente, atual:

“A máquina não isola o homem das grandes questões da natureza, mas o impulsiona a mergulhar mais profundamente sobre estas.”

Excelente semana a todos, e uma vez mais, muito obrigado pela presença. □

Prof. Dr. Fábio do Prado



PALAVRAS DE BOAS-VINDAS

Pronunciamento do Presidente na abertura do Congresso de Inovação 2016 realizado na FEI. São Bernardo do Campo, 10 de outubro de 2016.

Senhores e Senhoras,

Nesta manhã, o Centro Universitário FEI acolhe a todos calorosamente para a participação no Congresso de Inovação 2016 – Megatendências 2050 – Inovações e Internet das Coisas. A FEI constrói a sua história dia a dia ao longo de seus 75 anos de existência dedicados a apoiar a formação

da juventude, focada nas áreas de gestão, engenharias e computação. Nasceu da convicção profunda de que o conhecimento fortalece a sabedoria, a ética enobrece o caráter, a verdade estimula a inteligência, a sensibilidade motiva a vontade da pessoa humana para superar-se em todas as atividades às quais se dedica.

A marca fundadora expressava-se na frase clássica “*quod deest me torquet*” (“o que falta me atormenta”), continuamente citada pelo Pe. Roberto Sabóia de Medeiros, jesuíta motivador dos intelectuais e empresários que com ele abraçaram a iniciativa de oferecer opção de acesso universitário à juventude em áreas estratégicas para o desenvolvi-

mento regional e nacional. Pe. Sabóia transitava com facilidade de sua profunda formação clássica para a sensibilidade social, criando condições para as pessoas se tornarem abertas para as necessidades dos outros. Frequentava a sociedade articulando ações; mestre da escrita e da palavra, usava os meios de comunicação social, na época, o púlpito, a rádio e o jornal. Concretizou o ideal da inovação como prática cotidiana, como processo para a formação da juventude. Instigou a academia a abraçar os problemas concretos das pessoas e das sociedades para a busca das soluções facilitadoras que pudessem ser assimiladas no dia a dia. Delineou o futuro institucional: articular a pesquisa de alta qualidade com o “chão de fábrica”, o dia a dia empresarial. Não apenas apresentar o estado da arte, mas incentivar a geração de conhecimento, gestando descobertas, desenvolvendo ferramentas para acrescentar qualidade, garantindo presença propositiva através da clareza de seus fins, meios, estratégias.

A finalidade principal era apoiar a formação das novas gerações, aliando alta qualidade pessoal humana, ética e cidadã ao profissional aberto à **busca das melhores** alternativas de solução aos problemas e impasses emergentes. A atitude dos formados no desempenho profissional no decorrer dos anos será a melhor avaliação do projeto acadêmico para a transformação da vida e da sociedade.

O meio mais adequado parece ser a criação do clima, propiciando a plena imersão no ciclo universitário para a abertura de horizontes amplos ao processo de conhecimento, estudo, descoberta e a indução às preferências e interesses que focarão todo o processo de crescimento pessoal profissional. O estudante sentir-se-á instado a desenvolver o seu projeto pessoal e atraído para aprimorar suas aptidões, participando de projetos de iniciação científica ou tecnológica, exercendo a monitoria nas áreas de maior afinidade, exercitando-se nos esportes de sua preferência, convivendo com os colegas de curso, redescobrin-

do boas amizades, entrando no diálogo das gerações com mestres, pesquisadores, laboratoristas técnicos, fazendo consultas aos acervos bibliográficos, assumindo, enfim, a discência como verdadeiro estado profissional.

A estratégia curricular se desenvolve, inicialmente, no próprio Centro Universitário pela assiduidade e participação nas atividades propostas em salas de aula, laboratórios, ambientes de estudos, favorecendo o estudante a tornar-se autor de seu futuro, desenvolvendo o espírito de iniciativa, liderança nos processos, tornando-o gestor de seu projeto, capaz de reflexão profunda, adquirindo visão de conjunto e capacidade de percepção do detalhe, apto para o trabalho em equipe, silencioso e loquaz, desenvolvendo senso de oportunidade, diplomacia e política, **espírito de cidadania** ética sustentável. Prossegue o currículo iniciando o estudante às empresas de suas preferências profissionais, para que possa experimentar as fortalezas e as fragilidades no diálogo contínuo da



qualidade do saber e do fazer, das descobertas solucionadoras dos estrangulamentos nos processos de produção, decisão, gestão. Cada geração incorpora e inova, adapta-se e modifica, avança do presente para o futuro. “Não me disseram que era impossível; fui lá e fiz”: é uma frase atribuída a Jacques Cousteau, lida no mural de uma sala de atividades. Nossa proposta curricular, fiel à missão fundadora, constrói o futuro no presente. Avança nas tendências gigantes no qual o futuro se pre-anuncia. Futuro próximo, futuro que avança se aproximando a partir da internet das coisas, da inovação contínua da indústria

4.0, guardando a relação e a interação com a vida para 2050. Este horizonte que se descortina para a Comunidade Universitária da FEI, articulada profundamente com a representação altamente selecionada de lideranças empresariais e industriais de ponta, da comunidade científica e governamental, na construção interativa do currículo do estudante profissional que desejamos ajudar a formar para a construção do Brasil.

Nosso Congresso de Inovação 2016 é um estímulo, fortificando sinergias em vista de um bem maior a ser promovido, envolvendo estudiosos, empresários, pesquisadores, docentes, discentes,

funcionários e todos os participantes e interessados presenciais e internautas na busca do Bem Comum através da inovação, pela estrada sempre a ser mantida aberta, entre a ciência e a vida, a pesquisa e a aplicação, a universidade e a empresa. Nestes dias desfilarão opiniões sobre temas incandescentes e inspiradores: transformação do modo de viver, riscos e oportunidades, sustentabilidade, competitividade, qualidade de vida, cenários sociais, tecnologias, conectividade, mobilidade, indústria 4.0. Somos convidados a participar, dialogar, refletir, buscar boas alternativas, propostas e muito envolvimento no projeto. □

Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.



PAINÉIS DO CONGRESSO

1. A Internet das Coisas (IoT) transformando a maneira de viver

Em que as soluções simples e acessíveis nas mãos de milhões de pessoas estão mudando os hábitos e formas de viver? Quais os desafios para os planejadores e executores de projetos e os riscos e oportunidades da Internet das Coisas? Uma questão complexa: a relação entre segurança e vulnerabilidade das pessoas? Coube às empresas e profissionais dos

meios de comunicação dar a sua contribuição.

2. A Internet das Coisas e a Sustentabilidade

Com a criação de novos hábitos e paradigmas sociais como serão afetados os padrões atuais de comportamento? O que deve vir pela frente? Como lidar com essa dinâmica e suas consequências? Profissionais da área da química, do agronegócio e ecologia fizeram os comentários.

3. Sustentabilidade e Competitividade

A competitividade está relacionada à escolha dos melhores produtos e serviços e os melhores preços. Pela Internet das Coisas pode-se estar ganhando ou perdendo a sustentabilidade no processo competitivo. Teremos paradigmas antagônicos ou transformações e riscos? Os representantes das montadoras presentes e industriais convidados fizeram oportunas considerações.



4. A qualidade de vida, a Internet das Coisas e as Megatendências – 2050

A qualidade de vida apresenta-se sob diversas formas desde as condições de saúde, educação, mobilidade e bem-estar até os relacionamentos sociais com a formação de redes. As pessoas correm o risco de ficarem presas a seus grupos ou sujeitas a um distanciamento dos outros cada vez maior. Essas tendências podem ser antecipadas em suas estruturas e impactos. Os diferentes cenários apontam para as grandes oportunidades e desafios para a tecnologia e soluções de problemas. Representantes de organiza-

ções e empresas que investem nesse campo enfatizaram que não se pode esquecer que o homem deve estar no centro de tudo.

5. As tecnologias para a qualidade de vida

A saúde e bem-estar das pessoas estão cada vez mais ligados à inovação tecnológica no campo da alimentação em geral e mais especificamente da medicina e saúde nos exames, diagnósticos, próteses. Há preocupação com os problemas da terceira idade, os processos de recuperação, transformação e prolongamento da vida. Há questões complexas

na engenharia genética, paradigmas antagônicos e muitos riscos! Os debatedores, familiares com esse tema, ampliaram o leque de perspectivas com as quais a tecnologia da Internet das Coisas está contribuindo.

6. A Internet das Coisas na conectividade e mobilidade

A conectividade individual transformou intensamente a mobilidade das pessoas. As redes estão se transformando em sistemas sofisticados de convivência facilitadora da vida. As opções de ir e vir tornam-se mais acessíveis, cómodas e seguras. Como



podem as tecnologias modificar a mobilidade individual e coletiva, influenciar as tecnologias? Quais as maiores consequências para a vida futura do cidadão e das cidades? Estas e outras questões foram debatidas por profissionais da área da automação dos sistemas industriais e comunicação.

7. Iot e a Indústria 4.0

A quarta geração do processo industrial é a digitalização dos processos produtivos e a sintonia com as demandas industriais, comerciais e individuais. A indústria 4.0 ou a advanced manufacturing não tem limites territoriais e é um processo universal.

Como as novas engenharias deverão se constituir frente a estes desafios? As soluções de processo terão qual formato? Como serão as cidades do futuro em função de sua operacionalidade? Qual o perfil do engenheiro 4.0?

A realização do Congresso de Inovação em plena atividade acadêmica envolveu professores e alunos em um olhar para perceberem a importância do empreendedorismo, porque muito do que hoje se estuda na universidade com certeza estará superado em 2050.

Comentava o Pe. Theodoro Peters no encerramento do Congresso:

“Caminhamos juntos quatro dias, ouvindo, conversando, debatendo, argumentando sobre temas da mais alta atualidade visando à construção do futuro, navegando pelas megatendências até 2050. Pareceu até que o tempo ganhou espaço, ficando longe de nosso presente dia a dia. Nosso veículo tornou-se nave espacial, saiu de órbita e retornou ao nosso oceano agitado de ideias e inovações: nosso presente ao nosso alcance, sempre avançando, exigindo a preparação do que virá: o futuro”. □

*Pe. Paulo D'Elboux, S.J.
Assistente Religioso do Centro
Universitário FEI*

NOSSO QUINTAL É MAIOR DO QUE O MUNDO

3º Concurso Literário realizado no Centro Universitário FEI entre alunos e funcionários, em outubro de 2016.

Manoel de Barros, cujo centenário de nascimento comemoramos neste 2016, deu-nos a bela imagem de que “Meu quintal é maior do que o mundo”. Tamanho quintal não se vê na concretude da vida, nas cidades cada vez mais apertadas, no amontoado de pessoas que se juntam sem se conhecerem; tamanho quintal só se vê na intimidade das pessoas que sabem que uma casa é mais do que o valor de venda ou de compra que o mercado lhe atribui. Feito de que matéria é este que se proclama como o maior quintal do mundo, sendo que, para conhecer um mundo de quintais, nem mesmo o maior viajante do mundo poderia?

Ao pensar neste maior quintal do mundo, a sugestão fica: e se o nosso quintalzinho – considerando que muitos não têm quintal, pois moram em apartamentos – fosse, também ele, maior do que mundo?

Nesse caso, teríamos que admitir que há tantos quintais no mundo quanto o número de pessoas que nele habitam. A cada pessoa, um quintal; em cada quintal, um algo que o torna o maior do mundo.

Na lógica poética do verso de Manoel de Barros, pois que

Profa. Giselle Larizatti Agazzi

Professora do Depto. de Ciências Sociais e Jurídicas do Centro Universitário FEI

“Ao pensar neste maior quintal do mundo, a sugestão fica: e se o nosso quintalzinho – considerando que muitos não têm quintal, pois moram em apartamentos – fosse, também ele, maior do que o mundo?”



em poesia a matemática reside, teríamos que admitir um outro “então”: o que torna um quintal o maior do mundo não são as características concretas. Se assim fosse, haveria objetividade no julgamento e teríamos um único quintal maior do mundo. Não podendo ser assim, resta-nos termos de assumir que os nossos quintais são do tamanho que nossa subjetividade lhes atribui.

A poesia, essa dama matreira, traiçoeira na sua lealdade, desafia-nos a seguir sem receio até a pergunta que emerge quase espontaneamente: qual é o tamanho do nosso quintal?

Entre quintais e o que há nelas, a leitura afetiva das poesias e dos contos do 3º Concurso Literário nos mostra o tamanho do quintal do Centro Universitário FEI, esse, sim, o maior do mundo. Não porque concorra com qualquer outro quintal, mas, porque, para lembrar os versos de outro poeta, Alberto Caeiro, a beleza está no olhar:

*O Tejo
é mais belo que o rio que corre pela
minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o
rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio
que corre pela minha aldeia.*

O Concurso favoreceu o reconhecimento da beleza e do tamanho que é o quintal da nossa FEI. Entrando pela seara poética de “Prelúdio”, passamos por “Sobre Auschwitz”, somos desafiados pelo “Poema Recitável”, inquietamo-nos com “Meu eu robô”, explodimos no “Lúmen” e lá vamos nós passando por outros versos – de outros textos poéticos – até chegar ao “Desabafo de um negro”. Tantas poesias diferentes compondo um caleidoscópio de imagens, sensações, emoções, reflexões fortalecem o espírito do leitor interessado em continuar o reconhecimento do nosso quintal.

Nesse momento, deparamo-nos aos contos com o “O gosto

do oposto”, que nos lança às “Díficeis escolhas” para nos colocar diante de “Os quadros do hall” e exigir que sim, esqueçamos nossos celulares, as redes sociais, o whatsapp e continuemos. É preciso fôlego para atravessar o “Mais uma violência”, porque entendemos por quais motivos a televisão não se compara à literatura. Como nos desprendermos tão rapidamente das dores que nos atravessam sem a voz de um jornalista que muda de tom abruptamente como se mudar o quadro da TV fosse o suficiente para cessar a dor? Mais fôlego e entramos no “OBLIVION”, passamos pelo “Mundo artificial”, damos “Um adeus às estrelas”, pegamos “O trem”, que nos levará de “Ignotum per Ignotius” até a “Cadeira de espaldar de Deus”.

Sim, ao final, não há como não parodiar o poeta:

“Nosso quintal é o maior do mundo”.

Vale a pena conhecê-lo acessando: www.fei.edu.br/biblioteca/3.pdf. □

Prelúdio

ELIS OTERO

1º LUGAR - CATEGORIA POESIA
Administração – Estudante do 5º ciclo

Quando me olhas assim...
Em teus olhos que tanto almejo,
Num misto de loucura e desejo,
Me perco em frenesim.
Quando me olhas assim...
Por teu toque, no silêncio, ensejo,
Lhe sorriso em inocente gracejo,
Disfarço meu interno motim.
Quando me olhas assim...
Com meus dedos lentamente tracejo,
Cada parte do teu rosto em cortejo,
Tentando imprimi-lo em mim.
Quando me olhas assim...
E tão perto de ti bofejo,
Aspiro que o gosto do teu beijo,
Jamais tenha fim.



Cadeira de espaldar de Deus

CAIO HENRIQUE C. LINHARES

1º LUGAR - CATEGORIA CONTO
Engenharia Mecânica – Estudante do 5º ciclo

É uma dessas cidades à beira da estrada. Sem nenhum atrativo específico, as únicas pessoas que entram nela são moradores voltando do trabalho em outras cidades ou turistas que tenham conseguido se perder numa estrada totalmente reta.

É uma cidade como qualquer outra. Seus pontos de referência se referem às atividades mais antigas conhecidas pelo homem: prostituição e religião. O prostíbulo, a Casa de burlesco e entretenimento adulto da Madame Desiré, num casarão da virada do século passado erguido justamente para tal fim contrasta com a Igreja que, depois de décadas em pequenas garagens e galpões com tetos de zinco e amianto, se encontra numa construção ampla e moderna, mas com arquitetura vinda diretamente do século XVIII para emular a ideia de lon-



gevidade e tradição, coisas das quais o pastor e sua paróquia não usufruem.

Não há nada a se fazer nessa cidade. A menos é claro que alguém considere a ideia de passar o dia se divertindo com garotas não tão novas quanto dizem ser e, ou, se confessando para um pastor tão rígido quanto dizem. Cercada pelas plantações de uma refinaria de açúcar serve basicamente como morada para os trabalhadores que lavram a terra com seu suor. Ao fim do dia retornam para suas casas apenas para iniciar tudo novamente no dia seguinte.

Nada de especial acontece nessa cidade. Pessoas trabalham, transam e confessam seus pecados. Assistindo ao cotidiano da cidade durante uma semana é possível prever o que vai acontecer na semana seguinte e o que aconteceu em anos passados. Mas coisas espetaculares acontecem até nos lugares mais enfadonhos. E é por algo espetacular que essa história está sendo contada.

Saindo do mirrado centro comercial, composto basicamente por um restaurante e lojas de menor importância, e seguindo por ruas desertas e poeirentas em direção a casa das meretrizes, chega-se a um pequeno salão com os tijolos corroídos e desbotados pela ação vil e implacável do tempo. Uma loja de móveis usados ou, para ser mais exato, “Móveis usados” de acordo com a placa pendurada na entrada. Entre pilhas de cadeiras desconstruídas, camas sem estrado e uma legítima frigidaire que custaria dez vezes mais em qualquer loja retrô da capital encontra-se o proprietário do estabelecimento, com seu sorriso aberto e roupas casuais, pronto para atender os raros clientes ou simplesmente cumprimentar os transeuntes.

O estereótipo perfeito de loja pequena do interior só é quebrado pela imponente cadeira na qual senta em frente a sua

loja. Uma cadeira sólida de mogno envernizado até alcançar um tom de marrom extremamente escuro, quase negro. Almofadas de veludo rubro no assento e no encosto ornado com um padrão rico de entalhes que se estendem até os apoios laterais que também são acolchoados com o mesmo material do restante da cadeira. Tal mobília destoante do restante da loja foi um presente dado ao seu falecido pai pela Madame Desiré original. Ambos já deixaram esse mundo a muito tempo, mas a cadeira continua em excelente estado e seu novo proprietário faz questão de mantê-la impecável, da mesma forma que a recebeu quando assumiu os negócios da família ainda na adolescência devido a morte precoce dos pais.

Mesmo que todo homem tenha seu preço, ele garante que essa é a única peça que não está disposto a vender, mesmo tendo recebido propostas exorbitantes diversas vezes. A última delas feita pessoalmente pelo pastor da cidade, que afirmou que a cadeira seria uma interessante e abençoada aquisição para ser posta no altar e simbolizar o aumento e solidez de seu rebanho. Parecia realmente disposto a gastar o dízimo de seus fiéis, alguns pagando qual quantia de forma extremamente sofrida, num objeto de origem reconhecidamente profana.

Seu Carlos, com seu sorriso habitual e se desculpendo da forma mais culta que sua baixa formação acadêmica permitia, lembrou o pastor esse pequeno detalhe como motivo para recusar a oferta e foi recebido com o sorriso mais amarelo que uma pessoa seria capaz de dar. A cara fechada de desaprovção do pastor, ao sair com passos duros da loja, deixou claro para qualquer um que estivesse na rua o que havia acontecido. Desde então passou a ser tratado como persona non grata e os fiéis foram persuadidos a não realizar negócios com ele.

Não que gozasse de boa reputação antes do ocorrido. Seu

Carlos representava o único ponto de interrogação de toda a cidade e numa comunidade tão pequena quanto essa isso acaba ganhando grande importância e causa diferentes reações nas pessoas. Mesmo os moradores mais antigos são incapazes de precisar fatos da infância e mocidade dele. Lembram de seus pais, Francisco e Josefina, vitimados em um terrível acidente de carro há mais de meio século atrás, mas o filho do casal é uma incógnita total. Alguns afirmam que ele mantém a mesma aparência durante anos a fio enquanto todos seguem o ritmo normal do tempo, envelhecendo e se deteriorando. Não tem qualquer tipo de documento, apenas um certificado de conclusão, já ilegível, do primário e impossível de ser verificado pois a dita escola já fechou há muitos anos. Não se recusa a responder qualquer tipo de pergunta sobre sua vida regressa, mas as respostas são sempre rechaçadas como mentiras e lorotas. As crianças são ensinadas a evitar as proximidades de sua loja e muitos adultos se sentem desconfortáveis e desviam o olhar se o encontram na rua.

Mesmo com essa aura que afasta as pessoas e a proibição explícita do pastor, as pessoas continuam a frequentar sua loja sempre que precisam se livrar de algum cacareco sem utilidade. Ou simplesmente trocá-lo por outra coisa que julgue mais útil. Graças a essa desobediência por parte do seu rebanho o pastor ficou sabendo de algo que estava deixando a cidade em polvorosa.

Seu Carlos havia trocado de cadeira. O imponente trono de veludo estava agora nos fundos da loja, ao lado de um humilde catre que usava para tirar uma soneca depois do almoço. Uma simples cadeira de carvalho tomou seu lugar na recepção dos clientes. Trocar um confortável e impecável trono por uma simples cadeira com verniz gasto e lascado atçou a curiosidade mesmo daqueles que preferiam manter distância de tudo relacionado a ele.

A história que foi passada foi a seguinte: um certo dia, perto do horário de fechar, um rapaz usando um sobretudo marrom apareceu carregando a cadeira. Disse ser um funcionário da refinaria que havia recebido a tarefa de descartar alguns móveis usados e pensou que Carlos poderia se interessar por alguns deles. De fato, a caminhonete que o rapaz dirigia estava com alguns móveis e eletrodomésticos interessantes, mas foi justamente a cadeira gasta, que o rapaz afirmou que jogaria fora, que chamou sua atenção. Pensou que seria interessante usá-la para treinar suas habilidades de carpintaria, por isso pediu ao rapaz que a vendesse junto com o resto das outras coisas. No entanto, mesmo depois de verificar tudo que deveria ser consertado, foi acometido por uma certeza que não deveria mexer nela de forma alguma. O encosto e assento totalmente retos se mostraram mais confortáveis do que seria de se supor e, muitos reviraram os olhos ao ouvir isso, sentia uma calma e paz de espírito inabaláveis sempre que sentava nela. Não soube precisar a aparência do rapaz da refinaria, se lembrava apenas do longo cabelo negro, o que o fez classificá-lo com hippie, e das cicatrizes no dorso e na palma das mãos.

A história foi passando de boca em boca até que chegou ao conhecimento do pastor. Ficou irritado e esbravejou penitências contra a blasfêmia cometida pelo seu rebanho pois alguns já consideravam a cadeira como algo divino. A descrição do rapaz, mesmo que imprecisa, servia justamente para alimentar ainda mais esse boato. “Esse tolo foi tocado pelo diabo e não é capaz de perceber isso. Mas o que mais me entristece é que até mesmo os senhores, que se dizem tementes a Deus, estão sendo ludibriados por tal entidade maligna. Oraí e sigam os ensinamentos que lhe são passados pelo Senhor, do qual eu sou apenas um mensageiro de sua palavra” terminava assim

todos os seus cultos desde que Seu Carlos passou a declamar as maravilhas de sua nova cadeira para todos que estivessem interessados em ouvir.

De início, não haviam muitos. Mas o medo do contato com o peculiar dono da loja de móveis usados da cidade foi aos poucos sendo superado, conforme as pessoas comprovavam por si mesmas a natureza mística da cadeira. Mesmo os mais temerosos e céticos afirmavam uma grande melhora de espírito quando sentavam na cadeira e ouviam as palavras de alento e motivação de seu dono. Alguns até mesmo afirmavam sentir realmente a presença de Deus.

O pastor continuou impassível, mas era inegável que isso já estava afetando sua congregação. Os fiéis já não o procuravam com tanta frequência quanto antes e até mesmo faltavam aos seus cultos, coisa que nunca havia acontecido. Passou a ver seus fiéis e outros moradores da cidade se aglomerarem naquela loja como se ela tivesse virado um ponto de encontro ou atração turística da cidade. Se reuniam para falar sobre coisas do cotidiano e outras banalidades. Todos bem-vindos e tratados como iguais, desde as prostitutas da Madame Desiré até os trabalhadores da refinaria e seus filhos. Seu Carlos falava para todos e com todos, mesmo que em sua simplicidade não entendesse o real significado daquilo que aquele povo todo estava fazendo em frente a sua loja.

Mas o pastor sabia. Estavam testemunhando o nascimento de uma nova religião e, como todos sabem, a cidade é pequena demais para ter dois mensageiros da palavra do Senhor. Sabia que novas propostas de compra da cadeira bastariam apenas para mostrar aos fiéis que já estava desesperado para recuperar seu rebanho, sem contar que as doações já haviam diminuído bastante ao ponto de terem dificuldade para manter as novas

instalações que eram o orgulho e representação do sucesso do pastor. O nascimento de uma nova religião e a morte de outra.

Mas ele não estava disposto a permitir que isso acontecesse.

Junto com os fiéis que ainda lhe restavam e transeuntes que simplesmente o acompanhavam com pura falta do que fazer, marcharam pelas ruas poeirentas em direção a loja de “Móveis uzados”. Chegaram lá pouco antes do crepúsculo e viram uma horda de moradores reunidos sobre o brilho vermelho do sol, ouvindo atentamente cada palavra que Seu Carlos dizia enquanto se revezavam para sentar na cadeira, que agora era chamada por todos de Altar do Profeta. Mais que apenas um mensageiro, com sua gramática simples e roupas casuais, Carlos havia se tornado um profeta para aquelas pessoas.

– Vergonha! Vergonha! – gritou a plenos pulmões e atraiu a atenção de todos – É apenas isso que posso sentir vendo tantos desgarrados e pederastas reunidos para venerar esse homem como a um Deus. Pessoas que julguei serem gente de bem, tementes a Deus, dividindo o mesmo espaço com mulheres que ganham a vida em pecado, contra os princípios da boa fé cristã. E para que? Ouvir palavras torpes e vazias desse homem tocado pelo diabo. Todos vocês estão enveredando pelo caminho da perdição e nada de bom os espera nele. Inferno, irmãos e irmãs, é isso que os espera ouvindo esse pecador. Me entristece saber que parte disso é culpa minha. Falhei na minha missão divina de guia-los para a salvação, mas ainda há tempo. Se arrependam, provem que são pessoas honradas, voltem para o caminho certo e permitam que eu os guie novamente. Deixem que Deus sinta orgulho de vocês novamente.

Silêncio. As palavras pesam no ar enquanto todos permanecem calados. Talvez pensando em suas ações nos últimos

dias. Seu Carlos, antes alegre por finalmente se entender com o resto da cidade e por poder ajudá-los, enrubescer de vergonha, como que admitindo seu erro mesmo que saiba não estar fazendo nada de mal. Antes que possa falar alguma coisa e se desculpar pelas coisas que é acusado, uma confusão generalizada começa. Algumas pessoas que estavam na loja tentam voltar para casa, mas são impedidas pelo conjunto de moradores que acompanham o pastor e assim começa o empurrar-empurra que logo evolui para uma grande briga que ocupa a rua inteira. Vizinhos trocando socos entre si apenas por divergências de pontos de vista. Carlos tenta apaziguar os ânimos de todos enquanto algumas pessoas insistem que ele deve ir para algum lugar seguro. Suas palavras já não fazem mais efeito. De repente, um brilho laranja e calor atingem os manifestantes. A loja está pegando fogo. Labaredas lambem as paredes e o cheiro de plástico derretido. O som da madeira dos móveis crepitando pelo calor. Aparelhos caindo das paredes e cd's queimando com chamas coloridas e bruxuleantes. Todos param para assistir a loja queimando, sabem que é impossível fazer algo para salvá-la. É possível ver o trono queimando e se desmanchando ao fundo, enquanto o proclamado Altar do profeta permanece na entrada sem ser atingido pelas chamas.

O pastor corre em sua direção, talvez para saciar sua cobiça e tomar para si tal objeto que afirmam ser divino, mas Seu Carlos é mais rápido. Agarra o espaldar da cadeira e a atira no meio das chamas. A cadeira cai tombada dentro da loja e, por um momento, parece afastar as chamas de si, mas logo é possível ouvir sua madeira rachando e ficando negra momentos antes do teto desabar. Pouco a pouco, todos se afastam sabendo que tudo chegou ao fim.

Dizem que Seu Carlos, abalado com o ocorrido, se mudou para cidade grande apenas para encontrar sua morte. Afirmam que seu corpo definhou rapidamente, como se todos aqueles anos que não passaram para ele o tivessem encontrado de uma só vez. A igreja, incapaz de arcar com os custos da nova sede, voltou a operar numa pequena garagem cedida por um frequentador. O pastor segue com seus sermões como se nada tivesse ocorrido naquele dia. Mas, se você sair do centro comercial em direção à Casa da Madame Desiré, mesmo depois de passado todo esse tempo, vai encontrar as ruínas queimadas de um pequeno salão. Talvez possa encontrar algum fiapo de veludo vermelho esquecido muito tempo.

Ou até mesmo sentir o cheiro característico de carvalho envernizado. □





**Prof. Rubener da Silva
Freitas**

☆ 1933 † 2016

Em 8 de agosto último, nosso amigo Rubener e ex-colega, desta casa, nos deixou.

Lamentamos bastante o falecimento dessa pessoa especial. Eu tive a grata oportunidade de compartilhar com ele uma amizade de mais de meio século. Conheci-o quando aluno do Centro Preparatório de Oficiais da Reserva, mas tornei-me seu amigo em 1963, quando ingressou na FEI. Nascido em Guaranésia, sul de Minas Gerais aos 25 de dezembro de 1933, Rubener da Silva Freitas teve uma vida intensa

dedicada à família, aos amigos e ao ensino.

Em 5 de maio de 1956 casou com Ruth Lemes e tiveram três filhos (Rubener, Jorge Augusto e Lincoln), os quais, em grande parte, graças à sólida e afetiva educação que tiveram se transformaram em bons pais e profissionais. Desses filhos vieram três netos (Francisco, Fernanda e Gustavo), que eram uma alegria para os avós. Percebia-se com clareza a sólida formação dessa família. Adotaram como filha, também, Maria Izabel, que sempre os atendeu com muito carinho.

Estava sempre disposto a colaborar com quem precisasse de maneira alegre, sem se preocupar quem era, mas, principalmente, com os amigos e instituições onde trabalhou.

Parecia ter nascido com o dom para o ensino. Era um incansável educador na área de Matemática, ciência para a qual desde cedo mostrou inclinação.

Foi professor efetivo, por concurso, do ensino oficial do Estado de São Paulo, tendo lecionado em várias escolas do ensino médio do interior e da capital.

Pela ótima formação que tinha, foi convidado, em agosto de 1963,

a lecionar na Faculdade de Engenharia Industrial, tendo se destacado sempre por sua dedicação aos alunos nas matérias que ensinou; era benquisto por esses alunos. Foi coordenador da disciplina Cálculo Diferencial e Integral II durante muitos anos.

Como autor ou colaborador, publicou várias obras nas áreas de Cálculo Diferencial e Integral, Cálculo Numérico e Softwares vinculados à Matemática.

Foi professor também da Universidade de São Paulo, onde lecionou História da Matemática, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela qual obteve seu título de Mestre, e na Fundação Santo André. Em todas as escolas nas quais trabalhou, sempre se mostrou amigo dos alunos e dos colegas.

Deixou parte dele em nós e sentiremos saudades.

Prof. Álvaro Puga Paz



**Prof. Fernando Aurélio
Flandoli**

☆ 1946 † 2016

Quem convivia mais proximamente com o Prof. Flandoli, já sabia há algum tempo que sua saúde não era nada animadora. Mas como nunca reclamava de nada, ninguém imaginava que a qualquer momento ele poderia nos deixar.

Sempre muito discreto, sua maneira simples e cortês de ser fazia com que fosse querido por todos os colegas docentes, bem como pelos funcionários de apoio e também pelos alunos.

Tenho especial apreço por ele, pois o Flandoli foi o principal responsável por eu ser professor.

Nos conhecemos há 44 anos, quando ainda éramos alunos do curso de Engenharia da FEI e já naquela época demonstrava vocação e aptidão pela docência. Era responsável pelo curso de desenho e projetos mecânicos de uma escola técnica-profissionalizante, no bairro do Ipiranga em São Paulo.

Como tal, me convidou para dar aula nessa instituição. Aceitei, gostei e me dei bem. Porém ele me desafiou, impondo uma condição, a de ser monitor de desenho na FEI, para continuar como professor.

Foi um desafio e tanto, pois a concorrência era muito grande, coisa de duas vagas para sessenta candidatos e o aprovado aquele que tivesse o melhor resultado no exame.

Prestei, fui aprovado e como ele me tornei monitor.

Éramos vários monitores que davam assistência aos alunos, inclusive durante as aulas de exercícios. Após alguns semestres, entre todos se destacaram três monitores que se tornaram em 1977 professores, permanecendo assim até este semestre.

O trio era Luiz V. Bonassi, Fernando A. Flandoli e eu.

Desde então me aproximei mais ainda dele e nos tornamos amigos e tivemos ao longo desses anos momentos felizes, outros nem tanto,

inclusive fora do ambiente de trabalho e junto com nossas famílias.

Alguns minutos antes do seu fim, estava ele na sala dos professores aguardando o início das aulas do período noturno. Seu semblante era ótimo, apesar da saúde debilitada; chegou a receber até brincadeiras de colegas, riu muito.

Mas o destino quis assim, nos deixou exatamente no ambiente onde se sentia melhor, ou seja, dentro de uma sala de aula, passando aos alunos seus conhecimentos.

Fernando, a sua excessiva modestia e timidez não impediram que ficasse registrado na nossa história o professor competente e dedicado que foi.

Adeus meu amigo. Seja feliz aonde estiver.

Frederico Alexandre Frank Filho

Fernando Aurélio Flandoli nasceu em 13/09/1946 na cidade de São Paulo. Formado em Engenharia de Operação modalidade Maquinas e Ferramentas na FEI em 1976 e curso de Produção em 1981.

Foi estagiário de Desenho Técnico na FEI de 03/1975 até sua contratação como Professor, em 04/11/1976.

Em 02/1986 alterou seu contrato para regime de dedicação integral até 02/1989, quando voltou para a condição de aulista.

Casou em 16/07/1977 e teve uma filha chamada Gislaïne.



Romildo Savassa

☆ 1942 † 2016

Os professores, funcionários e alunos guardarão saudosa lembrança desse dedicado trabalhador e amigo nas mais diversas atividades no campus da FEI.

Era responsável pela supervisão de pessoal, sempre atento e prestativo para que tudo funcionasse a contento. A facilidade de seu relacionamento vinha da simplicidade e bom humor com que se relacionava com as pessoas sem nenhuma discriminação.

O senso de responsabilidade o levava a fazer do trabalho uma

oportunidade de contribuir com a organização do atendimento e serviços a serem executados na rotina e nas inevitáveis emergências.

Sempre alegre e bem humorado, fazia questão de não perder nenhum dia de trabalho, até quando o problema de saúde começou a se manifestar.

Natural de Tietê, SP, quando tinha vinte anos mudou-se para São Paulo, trabalhando em várias empresas até que em 03 de fevereiro de 1992 foi admitido na FEI.

Casou-se, em 1970, com Adriene, com quem formou uma família com três filhos, todos formados, e lhe deram a alegria de quatro netos.

Faleceu no dia 15 de junho, aos 72 bem vividos anos.

Homem de fé, chefe de família exemplar, profissional competente e amigo fiel, sua imagem risonha estará continuamente presente na lembrança e história da FEI.

Homenagem

Muito querido entre os alunos da FEI, Seu Romildo – como era chamado – ou Felipão (por sua semelhança com ex-técnico da Seleção Brasileira de Futebol), era considerado por muitos desses jovens um paizão; principalmente pelos integrantes de projetos como Aero Design, Baja e Fórmula que sempre dependiam dele para autorizar os testes no campus ou a permanência por mais tempo nas oficinas. Durante o Fórmula SAE International a equipe da FEI adesivou o carro que iria competir com os dizeres: “Obrigado seu Romildo”, para que todo o mundo conhecesse um dos maiores incentivadores e amigo dos alunos da FEI. O professor e coordenador do Fórmula FEI, idealizador da homenagem e que conviveu com Seu Romildo desde a época de aluno, explica que o relacionamento do inspetor com os alunos sempre foi repleto de carinho, respeito e parceria. “Uma vez tivemos um problema com o arquivo de um relatório que precisávamos enviar para a SAE e precisávamos urgente entrar em nossa sala domingo de manhã, fora do período autorizado. Mas o Seu Romildo gentilmente nos deu a chave e permitiu que entrássemos para pegarmos o relatório e enviar a SAE. Se não fosse isso, teríamos perdido a oportunidade de participar da competição que nos deu um dos títulos nacionais que o Fórmula possui, ele realmente era um paizão”.

